



**PERIFERIA:**

**SUBSTANTIVO**

**FEMININO**

**A VIDA DAS MULHERES DO SANTA MARIA**

**GABRIELA PIRES SANTANA**

Gabriela Pires Santana

**Periferia, substantivo feminino. A vida das mulheres do Santa Maria.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na  
Universidade Federal de Sergipe como requisito básico para  
a conclusão do Curso de Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Antônio Santos de Souza

Laranjeiras – SE

2020

Gabriela Pires Santana

**Periferia, substantivo feminino. A vida das mulheres do Santa Maria.**

Trabalho de Conclusão de Curso foi apresentado(a) em 30 de março de 2020 como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Fernando Antônio Santos de Souza

Universidade Federal de Sergipe - UFS

Prof. Orientador

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Ana Maria de Souza Martins Farias

Universidade Federal de Sergipe – UFS

---

Arqt<sup>a</sup> Me. Larissa Scarano Pereira Matos da Silva

Laranjeiras – SE

2020

Para todas as mulheres que lutam dia e noite por suas vidas.  
Que não podem esmorecer, que precisam alimentar seus filhos.  
Para todas que lutam pelo direito à cidade e habitação de qualidade.  
Para Marielle Franco, assassinada em 14 de março de 2018,  
Mulher negra, periférica.  
Sua voz ecoará por gerações.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho é a forma que eu encontrei de mostrar quem é a futura arquiteta urbanista Gabriela Pires Santana e o que ela quer fazer quando colocar os pés no mundo real. Ceder o espaço do meu trabalho de conclusão de curso para que Eliete, Camila, Maria de Lourdes, Josilma, Francisca, Márcia, Kelli, Tâmara e Cileide pudessem falar foi o mínimo que eu poderia fazer. São elas que precisam ser ouvidas. Obrigada por falarem! Obrigada por me mostrarem a força que uma mulher pode ter! Me coloco ao lado de vocês para lutar por uma cidade justa e de qualidade para as mulheres. Juntas somos maiores!

Nesse momento eu penso em todos que estiveram comigo nesses seis anos de vida universitária e a eles agradeço imensamente. Minha família, de quem sinto saudade todos os dias, vocês são a razão de eu ter persistido até o fim. Mãe, minha maior inspiração de mulher de garra, Pai, Letícia e Isabel, amo vocês! Os amigos que o curso de Arquitetura e Urbanismo me deu e que contribuíram para que esse ciclo fosse um dos mais importantes da minha vida. Matheus, Mariel, Emanuelle, Bruna, Nathália e José Iure, obrigada pela companhia nessa jornada. Caio, que estive do meu lado desde o início desse trabalho, me ajudou e me ofereceu suporte quando eu mais precisei, muito obrigada! Ao meu Deus, por fortalecer meu espírito nos momentos de fraqueza.

Fernando Antônio, meu querido professor e orientador, obrigada pelos questionamentos em sala de aula, por me fazer pensar em como as mulheres da periferia faziam para parir no meio da madrugada. Agora temos uma ideia! O senhor será sempre uma inspiração! Muito obrigada por acreditar nesse trabalho.

“Não serei livre enquanto alguma  
mulher for prisioneira, mesmo que  
as correntes dela sejam diferentes  
das minhas”

– Audre Lorde

## RESUMO

A cidade contemporânea está inserida no processo de acúmulo de capital, assumindo um caráter de mercadoria, sendo o território urbano de posse dos que podem pagar. A pobreza e a exclusão social se materializam de forma mais evidente no espaço urbano na forma da periferia, tratada como cidade segregada, sem acesso aos serviços públicos de qualidade essenciais à sobrevivência da população. A essa dinâmica urbana dá-se o nome de urbanismo capitalista ou neoliberal. A segregação não se constrói apenas separação espacial, tendo força no discurso hegemônico criado e disseminado para invisibilizar os mais pobres e em uma sociedade machista o peso de ser mulher e periférica parece ser duas vezes mais complicado. Nesse trabalho, a partir da reconstrução histórica do papel da mulher na sociedade e na família até a atualidade, busca-se visualizar o poder do urbanismo capitalista diante das vidas das mulheres nas cidades. Mulheres mães do Bairro Santa Maria, em Aracaju/SE, vivem diariamente a realidade da periferia e da pobreza e puderam falar por elas mesmas sobre como é ser moradora de um bairro periférico. Diante dos relatos coletados, ficou claro que o acesso à moradia adequada é o principal instrumento de transformação das vidas das mulheres e apenas com a participação política ativa e de luta delas, as cidades poderão atender a suas necessidades.

Palavras-chaves: Mulheres, Trabalho doméstico, Urbanismo Neoliberal, Cidade capitalista

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>1. A CIDADE CAPITALISTA.....</b>	<b>14</b>
2.1 NASCE A CIDADE E NASCE O CAPITALISMO.....	15
2.2 A URBANIZAÇÃO BRASILEIRA.....	20
2.3 DISCURSO, REALIDADES E LUTAS SIMBÓLICAS.....	25
<b>2. O LUGAR DA MULHER NA CIDADE.....</b>	<b>28</b>
<b>3. ARACAJU E SUA PERIFERIA.....</b>	<b>35</b>
<b>4. PERIFERIA: SUBSTANTIVO FEMININO.....</b>	<b>44</b>
4.1 METODOLOGIA.....	45
4.2 A VIDA DAS MULHERES DO SANTA MARIA.....	46
4.3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS E VISITAS.....	53
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>56</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>57</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>60</b>



# INTRODUÇÃO

O conceito de “cidade”, pelo senso comum, se relaciona ao local de moradia da elite: o todo é tomado pela parte, ou seja, os bairros que compõem a imagem hegemônica da cidade (Villaça, 1999 in MARICATO, 2015, p.84). A “cidade do pobre” é apenas reprimida e desmoralizada, sendo praticamente invisibilizada pelos agentes detentores do poder, ou seja, escondida ao ser locada nas bordas periféricas do tecido urbano e esquecida em se tratando do emprego de políticas públicas. O papel que deveria ser executado pelo Estado é corrompido pelo mercado, viciado pelas estruturas administrativas.

A falta de políticas públicas fortes e de fato efetivas e “[...]a ausência de controle público sobre a propriedade da terra contribui para a carência habitacional, segregação territorial, aumento do custo de infraestrutura e serviços, aumento da violência, predação ambiental, além de impor maior sacrifício à população pobre excluída da cidade.” (MARICATO, 2015, p.96)

“O planejamento urbano comprometido com a inclusão social exige uma abordagem integrada. A urbanização de favelas pode resolver problemas de saneamento ambiental, atribuir endereço legal a cada domicílio, melhorar as condições de moradia e segurança urbana, mas não melhora o nível de escolaridade ou de alfabetização, não organiza mulheres para melhorar o padrão de vida, nem ajuda na organização de cooperativas de trabalho, ou no lazer dos jovens.” (MARICATO, 2015, p.95)

A pobreza e a exclusão social se materializam de forma mais evidente no espaço urbano na forma da periferia, tratada como cidade informal/ilegal, segregada, sem acesso aos serviços públicos de qualidade essenciais à sobrevivência da população. Fruto de conflitos sociais, a cidade capitalista se apresenta como um espaço “dualizado”, como aborda Lima:

“[...] Do ponto de vista da estrutura social, preconiza-se o advento de um processo de “polarização” entre uma elite de *managements* e uma *underclass*, sem emprego e educação. A polarização da estratificação social levaria à “dualização” da estrutura espacial. Ou seja, os rebatimentos espaciais dos fenômenos de segmentação, polarização e exclusão conduzem a uma representação da cidade como uma cidade partida entre grupos sociais: a cidade das luzes e o gueto; a favela e o asfalto; o cortiço e os novos edifícios de negócios; a periferia e o centro das grandes áreas metropolitanas; o condomínio fechado e as praças com grades de ferro para impedir as presenças incômodas dos excluídos. (LIMA, 2005, pág. 103)

Tem-se a noção de que a vida na periferia é difícil, e em uma sociedade machista ser mulher e periférica parece ser duas vezes mais complicado. A partir de um questionamento levantado na disciplina ‘Planejamento Urbano e Regional II’, “como fazem as mulheres que moram nas periferias para conseguir parir numa maternidade às três da manhã?”, surgiu o interesse de aprofundar a temática da segregação espacial com enfoque na vida das mulheres e sua relação pessoal com a cidade.

O racismo e o sexismo são os grandes causadores do desemprego e trabalhos precarizados, o resultado disso é uma pobreza majoritariamente feminina e negra. A análise mais recente da Síntese de Indicadores Sociais (SIS), estudo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), publicada em dezembro de 2018, indicou que as mulheres pretas ou pardas sem cônjuge e com filhos de até 14 anos responsáveis por seus domicílios é o grupo que vive mais restrições à proteção social e à moradia adequada, sendo as taxas 46,1% e 28,5%, respectivamente e apresentam pelo menos três das quatro inadequações analisadas em suas residências. Não é dado às mulheres, ao menos, o direito do espaço privado de qualidade.

Sobre a diferença entre os rendimentos mensais é possível apontar duas razões: a primeira é o fato de ainda haver trabalhos que pagam menos às mulheres enquanto os homens recebem mais pela mesma função. O outro motivo é que a inserção feminina no mercado de trabalho se dá com empregos mais precários, informais ou em ambiente doméstico, o que gera baixos salários.

Além das disparidades salariais e de qualidade de emprego enfrentadas, as mulheres ainda precisam lidar com a dupla (ou tripla) jornada, além de trabalhar fora, precisa cuidar da casa. Segundo a PNAD, em 2018, a taxa de realização de afazeres domésticos era de 92,2% entre as mulheres, enquanto 78,2% dos homens realizavam tais atividades. A taxa de realização de afazeres das mulheres é bastante elevada, sobretudo quando estas estão nas condições de cônjuge (97,3%) ou responsável pelo domicílio (95,3%).

“A dinâmica do seu dia-a-dia passa por ir e voltar de seu trabalho produtivo, mas também por realizar as compras de alimentos e produtos necessários para a casa, levar filhos na escola, acompanhar pessoas mais idosas e crianças da família à médicos, entre outras tarefas, o que faz com seu percurso na cidade seja distinto do homem que, normalmente, vai de casa para o trabalho e do trabalho para casa, ou tem paradas para o lazer após o expediente.” (PECCINI, 2016, p. 61)

Existe uma lógica sobre a responsabilidade da mulher para com o trabalho doméstico, por muito tempo na história seu lugar era ser reclusa dentro de casa, no caso da mulher rica. Para a pobre, sempre foi o seu local de trabalho e estar na rua se fazia necessário.

O corpo feminino no espaço público não é respeitado, estando exposto a todo tipo de assédio, mas assim também o é no espaço privado. Dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), divulgados em agosto de 2019, revelam que a violência contra a mulher acontece geralmente em sua residência (43,1% do total dos casos), seguida por agressões nas vias públicas (36,7%). Sobre os agressores, os dados mostram que são na maioria pessoas conhecidas (32,2%), cônjuges ou ex-cônjuges (25,9%) e parentes (11,3%). As mulheres inseridas no mercado de trabalho são as que mais sofrem com a violência, sendo 52,2% dos casos contra 24,9% das que não trabalham.

Mesmo o empoderamento econômico da mulher não consegue livrá-la da desigualdade de gênero que é violenta. O poder patriarcal autoriza os homens a exercerem controle sobre as mulheres e a violência é um instrumento para obter essa dominação, “definindo as condutas adequadas a serem seguidas e quais devem ser coibidas porque consideradas desviantes e ameaçadoras não apenas ao poder do indivíduo, mas à organização política sobre a qual se erguem as bases da sociedade” (IPEA, 2019).

A partir da noção construída sobre a sociedade urbana contemporânea que vive a exclusão e a violência, espera-se com o desenvolvimento deste trabalho conhecer a rotina de mulheres que moram na periferia de Aracaju, identificar quais os pontos que mais

prejudicam a vivência plena da e na cidade e como pode-se combater as desigualdades de gênero, ao se pensar o espaço urbano.

Este espaço acadêmico será utilizado para possibilitar que as mulheres que vivem diariamente a realidade da periferia e da pobreza possam falar por elas mesmas, a fim de fugir das imagens construídas historicamente.

“O discurso sobre os pobres é o discurso do poder, das vozes autorizadas a dizer o que o pobre é, a apontar as suas características para fazê-lo ser reconhecido por certos atributos que faltam a ele, e que o constituem como uma classe social. [...] É, portanto, um discurso dominante, calcado em estereótipos e imagens negativas que arrasta a vontade de poder.” (LIMA, 2005, p. 70)

Sendo assim, este trabalho tem como **objetivo geral** analisar os impactos causados pelo emprego do urbanismo neoliberal como política urbana na vida diária da população mais pobre, especificamente das mulheres. Com os **objetivos específicos** busca-se: 1. Discutir a formação das cidades brasileiras coordenada pelo urbanismo neoliberal; 2. Compreender os conceitos de pobreza urbana e exclusão social; 3. Entender quem é a mulher periférica; 4. Analisar a rotina das mulheres moradoras do bairro Santa Maria.

A metodologia adotada constitui-se dos métodos de revisão bibliográfica sobre o tema, levantamento de dados, pesquisa em campo, entrevistas e análise de narrativas. Inicialmente, foram realizadas leituras de autores que discorrem sobre a periferia, a exclusão social e o urbanismo neoliberal, a fim de relacioná-las com a formação das cidades brasileiras. Os dados levantados sobre o bairro Santa Maria, mapas, histórico, indicadores socioeconômicos, serviram para compreensão da sua estrutura urbana partindo do entendimento sobre periferização.

Nas visitas de campo, foram realizadas as entrevistas com mulheres de diferentes idades, raças e rendas, com o objetivo de identificar como se dá a relação dessas moradoras com o espaço urbano, como enxergam a atuação do Estado na manutenção do urbanismo e a maneira como a identidade de mulher periférica existe para cada uma para então conseguir responder à questão motivadora do trabalho.

O primeiro capítulo abordará a história das cidades relacionada com as mudanças nos sistemas econômicos numa perspectiva ocidental, até chegar na cidade capitalista brasileira da atualidade. A construção do discurso hegemônico a respeito da pobreza

urbana, provocada pelo capitalismo que gera desigualdade, também será trabalhada nesse capítulo.

No capítulo 2, “O lugar da mulher na cidade”, será abordado o papel social da mulher numa retrospectiva histórica após a compreensão trazida pelo capítulo anterior sobre a formação das cidades e sociedades baseados no regime patriarcal onde a figura masculina é considerada superior física e economicamente.

O capítulo 3, “Aracaju e sua periferia”, apresenta o histórico e dados e estatísticas sobre o bairro Santa Maria, em Aracaju - Sergipe, a fim de entender o porquê de o bairro ser considerado esquecido pelo poder público e identificar os pontos negativos e positivos do local.

No quarto capítulo, “Periferia: substantivo feminino”, serão transcritas e interpretadas as entrevistas realizadas com as mulheres moradoras do bairro Santa Maria. A intenção não é identificar um único perfil de mulher periférica, mas conhecer as particularidades de cada uma das entrevistadas para romper com o discurso hegemônico e generalista imposto. Não se espera que as narrativas obtidas apresentem clareza e conhecimento sobre o funcionamento do urbanismo neoliberal e sim que apresentem os relatos individuais de como se dá a relação com o ambiente urbano diante das desigualdades materializadas em um contexto socioeconômico novo.

## 1.A CIDADE CAPITALISTA

Para compreender a cidade capitalista atual, é necessário conhecer o processo de transformação dos sistemas econômicos vigentes em cada época e das dinâmicas sociais, pois estes moldaram o espaço urbano onde emergem as injustiças sociais que afetam de forma mais contundente as mulheres. A visão histórica abordada nesse trabalho é a ocidental por apresentar fases bem demarcadas ao longo dos séculos e importantes para entender a urbanização do Brasil, país colonizado por europeus, que reproduziram no território dominado as dinâmicas urbanas já conhecidas por eles.

A configuração atual das cidades é “o resultado cumulativo de todas as outras cidades de antes, transformadas, destruídas, reconstruídas, enfim produzidas pelas transformações sociais ocorridas através dos tempos, engendradas pelas relações que promovem estas transformações.” (SPOSITO, 1988, p.11)

Para compreender a evolução das cidades até o que se tem hoje é preciso também conhecer o surgimento e desenvolvimento do capitalismo, não podendo esses processos serem descritos separadamente.

“Os capitais, em cada momento histórico, buscam moldar as cidades aos seus interesses, ou melhor, aos interesses de um conjunto articulado de diferentes forças que podem compor uma aliança.” (MARICATO, 2015, p.18)

## 1.1 NASCE A CIDADE E NASCE O CAPITALISMO

No período neolítico realizou-se a primeira condição para o surgimento das cidades: a fixação do homem à terra a partir do desenvolvimento da agricultura e da criação de animais. Segundo Sposito (1988), ainda era necessária a concretização da segunda condição, uma organização social complexa baseada na divisão social do trabalho e nas instituições sociais ou divisão de classes. Inicia-se a divisão social sexista do trabalho que na cidade capitalista a mulher vai assumir um papel singular de submissão aos interesses da exploração econômica.

Rolnik (1995) aponta os primeiros embriões de cidade como os zigurates, templos da Mesopotâmia datados próximos ao ano 3000 a.C, o que mostra uma transformação na forma de ocupação do espaço, dominando-o a partir da apropriação material e ritual do território. O templo mantinha o grupo reunido, suas construções exigiam um trabalho organizado, e a organização política surge para gerir a vida coletiva.

A divisão social do trabalho tem uma das suas origens no excedente alimentar produzido nas aldeias, permitindo que alguns homens pudessem se dedicar a novas atividades. A origem da sociedade de classes se dá a partir da relação de dominação entre o rei, a figura protetora da aldeia e chefe político, e os aldeões, que entregavam oferendas e pagavam tributos a essa realeza. Pode-se assim dizer sobre a cidade que

“[...] sua origem não está explicada essencialmente pelo econômico, mas sim pelo social e pelo político. Ou seja, a cidade na sua origem não é por excelência o lugar de produção, mas o da dominação.” (SPOSITO, 1988, p.17)

A primeira forma de poder urbano centralizado é a realeza. A cidade da realeza é um território murado e fortificado cuja manutenção só é possível pelo trabalho dos súditos. A divisão do trabalho é materializada espacialmente

“A suntuosidade do palácio ou do templo, ao mesmo tempo que é signo desta hierarquia, é também sua razão de ser. Sua construção e manutenção implicam o reforço de uma organização baseada na exploração e privilégio, que permite à classe dominante maximizar a transformação do excedente alimentar em poder militar e este em dominação política. A origem da cidade se confunde portanto com a origem do binômio diferenciação social/centralização do poder.” (ROLNIK, 1995, p.21)

A dominação avança para outras cidades, fortalecendo o poder político e dando origem aos impérios. Sposito (1988) aponta o Império Romano como o melhor exemplo

de expansão da urbanização na Antiguidade por fundar diversas cidades nos territórios conquistados e por ampliar a divisão interurbana do trabalho, ou seja, a produção era dividida entre campo e cidade e entre diferentes cidades.

A estrutura social materializa-se na organização interna do espaço urbano, sendo o centro o lugar das instituições sociais, do poder político e das elites, circundados pelos artesãos e nas imediações os produtores agrícolas.

Com a queda do Império Romano, a complexidade da organização social e do território urbano se modifica. O período da Idade Média foi marcado pela desarticulação da rede urbana.

“[...] Na medida em que não havia mais um poder político central, as relações interurbanas enfraqueceram-se e em certas áreas desapareceram, pois caíram por terra as leis que davam proteção ao comércio em todo o Império (sobretudo da produção artesanal, inclusive mercadorias de luxo — a produção alimentar não podia ser transportada a distâncias maiores), e foram suspensos os recursos para a manutenção de estradas e portos, anteriormente construídos e conservados para dar sustentação ao poder imperial.” (SPOSITO, 1988, p.26)

A principal atividade comercial, deixa de ser a mercantil e assume o caráter agrícola, que passa a definir o modo de produção feudal, sustentado em “dois pilares”: a mudança do caráter dos latifúndios e a instituição da servidão” (SPOSITO, 1988, p.27). As terras - o feudo- passam a ser domínio de um nobre que dispõe uma parte delas para a ocupação de seus servos, as terras comunais, que deveria garantir a subsistência da comunidade. O poder passa a ser descentralizado, ou seja, cada senhor governa suas terras e servos com poder absoluto.

As cidades medievais eram pouco expressivas politicamente, mas eram territórios autônomos estruturados em torno da Igreja e suas instituições. Possuíam desenho irregular de ruas e praças e eram cercadas por muralhas como defesa (figura 1). Foram as responsáveis “por minar as bases do poder feudal” (ROLNIK, 1995, p.33), isso porque a economia mercantil passou a se intensificar gerando um fluxo comercial que não pôde ser contido pelas muralhas. Assim foi iniciada uma ocupação extramuros e as cidades foram se expandindo.



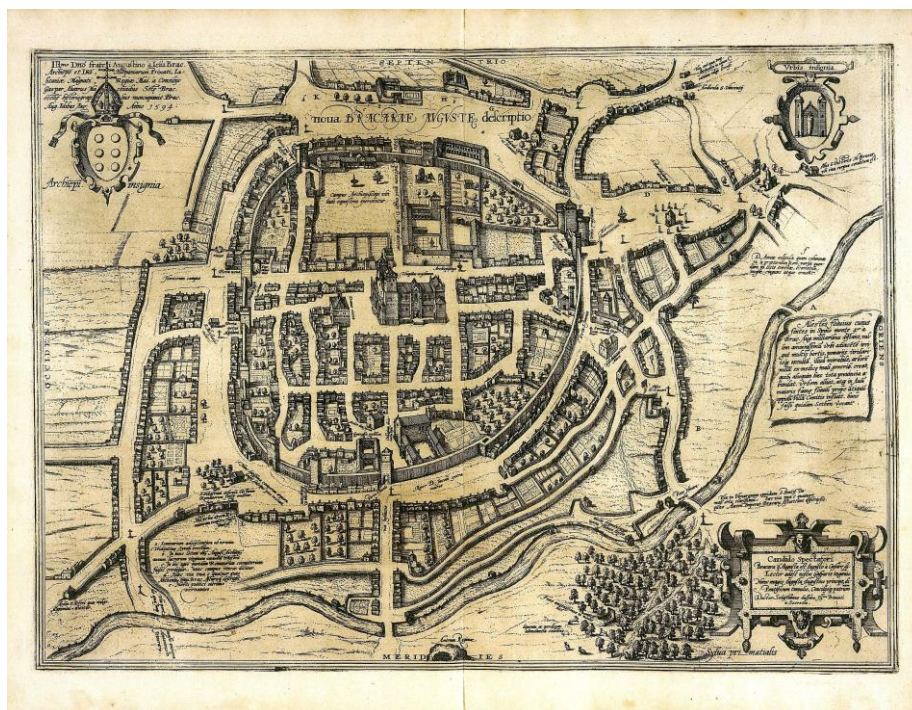


Fig. 1: Castelo de Braga, 1594. Fonte: Internet, 2000.

Um marco importante para a urbanização capitalista foi a transformação da terra em mercadoria. Os senhores feudais passaram a arrendar suas terras em troca de dinheiro para se inserirem na economia, o que acabou por expulsar os servos já que a produção passava a ser destinada ao mercado e estes migraram para as cidades. Com o tempo, o poder também passou a ocupar o território urbano.

Nesse momento se formou a burguesia como classe social dominante, ou como coloca Rolnik (1995), um patriarcado urbano, grupo que enriqueceu com as atividades mercantis e o interesse ultrapassou apenas a satisfação das necessidades humanas e passou a ser o lucro e a acumulação. Pode-se dizer então que “o capitalismo surge na cidade” (SINGER apud SPOSITO, 1988, p.35).

A burguesia se alia ao rei, que dá origem aos Estados Nacionais Absolutistas. Essa aliança visava atender aos “interesses da classe mercantil e manufatureira na medida que unifica regiões inteiras sob a mesma moeda, [...], facilitando enormemente as atividades comerciais e manufatureiras” (ROLNIK, 1995, p.38). Além disso, ficava cada vez mais evidente uma divisão da sociedade em classes: a corte real e outras instituições de prestígio, os detentores dos bens e do dinheiro, os vendedores de sua força de trabalho e os artesãos.

A materialização da sociedade de classes se dá pela segregação espacial, movimento impulsionado pelo trabalho assalariado, que nasce da manufatura, sendo este

o que será usado para atender as necessidades básicas como alimentação e teto do empregado. Assim, a separação do espaço dos empregados e do espaço dos patrões passou a ser definida por quanto cada um pode pagar para morar, o que causou inchaço populacional nos bairros dos trabalhadores e propiciou bairros exclusivos residenciais para os ricos.

O caminho para o capitalismo é marcado pela industrialização, período do predomínio da atividade industrial sobre as outras atividades econômicas e que tinha as cidades como território para seu funcionamento e desenvolvimento.

A urbanização no período da industrialização foi intensa, correspondendo aos movimentos migratórios campo-cidade, resultado do crescimento do capitalismo. As cidades comerciais possuíam condições favoráveis para o desenvolvimento da industrialização como infraestrutura e já serem espaços ocupados pelo poder econômico e político, segundo Sposito (1988). Na Europa, cidades surgiram e/ou se desenvolveram em altíssimo número durante o século XIX. A figura 2 apresenta alguns exemplos.

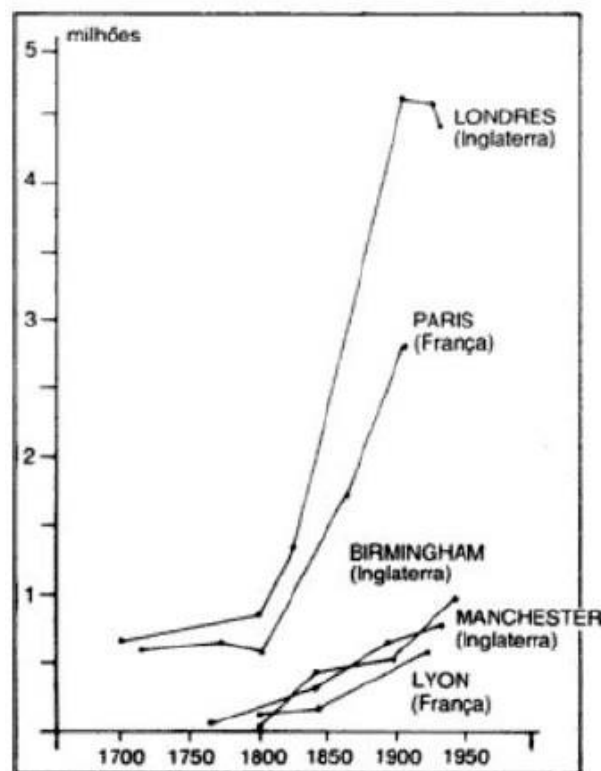


Fig. 2: Crescimento populacional urbano em algumas cidades europeias (1700-1950). Fonte: SPOSITO, 1998, p.53.

O mercado avançou os limites das cidades chegando ao nível nacional e internacional como resposta a necessidade do capital de ampliação dos mercados e do

aumento da capacidade produtiva industrial, originando as denominadas redes urbanas. A produção se tornou cada vez mais especializada reforçando a divisão social do trabalho que foi materializada no espaço e denominada divisão territorial do trabalho. Os espaços se especializaram funcionalmente e esta divisão se consolidou com o desenvolvimento das comunicações e dos transportes. É importante também entender como essa rede se estruturava:

“Com o modo de produção capitalista assim se desenvolvendo, a rede urbana foi se constituindo hierarquicamente, tendendo à formação de grandes aglomerados urbanos — as metrópoles — espaços de concentração de capital, de meios de produção, e locus da gestão do próprio modo de produção. Estas aglomerações subordinavam outras de porte médio, que por sua vez exerciam o papel de elo de ligação com os pequenos centros.”  
(SPOSITO, 1988, p.54)

A principal consequência do crescimento populacional acelerado pela Revolução Industrial foi a formação de uma faixa em torno do núcleo urbano, a periferia. Como já foi dito anteriormente, a terra havia se tornado mercadoria e a busca por espaço era muito alta, o que fez as pessoas se assentarem nas bordas, terras mais baratas. Alguns bairros mais abastados também apareceram nessa faixa quando os ricos se mudaram do centro. Essa ocupação foi grande o suficiente para fundir-se ao tecido urbano tornando-o mais compacto. Sposito (1988) considera essa faixa um território livre da iniciativa privada e do Estado, o que possibilitou o crescimento desordenado das cidades.

“O Estado não elaborava mais planos, nem regulamentos, e nem fiscalizava as formas pelas quais a cidade vinha sendo produzida. Ele próprio passou a ser um especulador, vendendo muitos terrenos públicos para pagar suas dívidas. A classe dominante aproveitou para realizar seus investimentos imobiliários.” (SPOSITO, 1988, p.56)

Essa forma de “não coordenação” das cidades era do interesse das forças liberais, motivadas pelo interesse pelo lucro, numa busca de reprodução do capital. Quando esses territórios atingiram um nível caótico que importunava os mais ricos, medidas começaram a ser adotadas, principalmente no período em que alguns dos regimes liberais europeus deixaram de existir, como na França, com a ascensão de Napoleão III. Obras de saneamento, melhoria de estradas e praças, leis e regulamentos são assumidos pelo poder público, que enfim passa a gerir o território urbano.

Houve uma inflexão da cidade industrial para a cidade pós-industrial comandada pela flexibilização financeira denominada por diversos autores como globalização.

Sposito (1988) fala sobre essa nova etapa do capitalismo, sendo o “centro” os países plenamente industrializados e a “periferia” os países de capitalismo tardio.

“A esta fase do capitalismo corresponde uma nova divisão internacional do trabalho. A troca desigual não corresponde mais, apenas, a um comércio internacional que permite produções de diferentes valores (produtos industriais por produtos primários). Ao se "exportar" o capital (dinheiro e tecnologia) do "centro", desencadeia-se ou se promove novas etapas no processo de industrialização da "periferia", e transforma-se as bases sobre as quais passa a se dar a troca desigual.” (SPOSITO, 1988, p.63)

Passa a existir então uma integração desses países numa economia mundial, mas o desenvolvimento se mantém desigual sendo refletido na urbanização. Até agora neste trabalho relatou-se a história das cidades europeias, que se desenvolveram - dentro do regime capitalista - antes de outras que foram colonizadas, como o Brasil, para que pudesse ficar clara sob uma perspectiva generalista a relação capitalismo x cidade. No próximo subcapítulo falar-se-á especificamente sobre a urbanização brasileira.

## **1.2 A URBANIZAÇÃO BRASILEIRA**

Resultado da busca por ampliação para as condições do desenvolvimento capitalista, a expansão colonial possibilitou a extensão da urbanização.

“Ainda que as primeiras cidades coloniais não tenham sido mais do que portos construídos para escoar as riquezas coloniais em exploração, ou fortes para proteger os colonizadores, a extensão do fato urbano a novas áreas foi importante, porque se constituiu no embrião de um processo de ampliação espacial da urbanização e no suporte de articulação destas novas áreas ao capitalismo mercantil europeu.” (SPOSITO, 1998, p.39)

O Brasil foi por séculos um país agrícola, tendo na agricultura comercial e exploração mineral a base para o povoamento e criação de riquezas. A partir do século XVIII, os fazendeiros e senhores de engenho passaram a residir nas cidades, o que permitiu o desenvolvimento da urbanização. Nesse momento fica evidente que quando os donos do capital passam a ocupar as cidades, estas tendem a crescer mais rapidamente em qualquer lugar do mundo.

A urbanização brasileira acelera no início do século XX, com a população urbana saltando de 4.555.000 pessoas em 1920 para 6.208.699 em 1940 (VILLELA E SUZIGAN, 1973, p.199 apud SANTOS, 1993, p.22). Este salto deu-se possivelmente por

conta do aumento do trabalho no setor terciário e dos “investimentos de origem privada de companhias de energia, de telefone, de meios de transporte, bancos, instituições de ensino etc.” (ROSSINI, 1988, p.74 apud SANTOS, 1993, p.24).

O papel da industrialização a partir dos anos 1940-1950 foi de moldagem da sociedade, sendo colocada por Santos (1993, p.27) como um processo social complexo de formação de um mercado nacional, integração do território, expansão do consumo em diferentes formas e a ativação do processo de urbanização.

“Essa nova base econômica ultrapassa o nível regional, para situar-se na escala do País; por isso a partir daí uma urbanização cada vez mais envolvente e mais presente no território dá-se com o crescimento demográfico sustentado das cidades médias e maiores, incluídas, naturalmente, as capitais de estados.” (SANTOS, 1993, p.27)

Entre 1940 e 1980, a população urbana cresceu, aproximadamente, sete vezes mais do que havia crescido até os anos 40. As melhorias nas questões sanitárias e nos padrões de vida ajudou na queda da mortalidade, o que aumentou o crescimento demográfico nas cidades.

A partir daí, a evolução da ciência e da informação passaram a moldar o território, que deveria possibilitar sua realização e circulação, por meio da construção de estradas, interligação de estradas de ferro.

A ditadura militar iniciada pelo golpe de Estado de 1964 marcou a mudança dentro do país, que passava por uma integração, iniciando um movimento de internacionalização. O Brasil se tornou um país exportador, o que permitiu um maior crescimento da economia que beneficiou a expansão da classe média. A indústria também acaba se expandindo para atender a necessidade de consumo dos brasileiros. Este território é propício para a manifestação do capitalismo maduro e é este que o cria (SANTOS, 1993, p.40), acolhendo e difundindo o capital.

Volta-se a falar aqui sobre a divisão territorial do trabalho, a manifestação materializada das especializações do território. Essa divisão se aprofundou de tal forma que exigiu maior circulação, o que permitiu uma expansão do capitalismo no Brasil, a partir consumo das mercadorias e do trabalho assalariado.

“As cidades locais se especializam tanto mais quanto na área respectiva há possibilidades para a divisão do trabalho, tanto do ponto de vista da materialidade quando do ponto de vista da dinâmica interpessoal. Quanto mais intensa a divisão do trabalho numa área, tanto mais cidades surgem e tanto mais diferentes são umas das outras.” (SANTOS, 1993, p.52)

As particularidades de cada região coordenaram a organização territorial e urbana brasileira, tendo cada região índices diferentes de urbanização. O Nordeste, exemplo que mais interessa nesse trabalho, por muito tempo foi uma região cuja urbanização relacionada à industrialização aconteceu de maneira mais lenta devido a desigualdade da distribuição de renda, que prejudicava o consumo e dificultava o aumento da terceirização. Já a região Sudeste conseguiu adaptar-se facilmente a mecanização do território, atendendo aos interesses do capital dominante.

“Ao longo do século, mas sobretudo nos períodos mais recentes, o processo brasileiro de urbanização revela uma crescente associação com o da pobreza, cujo locus passa a ser, cada vez mais, a cidade, sobretudo a grande cidade. O campo brasileiro moderno repele os pobres, e os trabalhadores da agricultura capitalizada vivem cada vez mais nos espaços urbanos.”  
(SANTOS, 1993, p.10)

No período fordista, a rigidez marcava o mercado de trabalho, o investimento e a ação do Estado. O trabalho de ritmo mecanizado e repetitivo da indústria moldou uma sociedade mais disciplinada. Foi também o período da incorporação da mulher no mercado de trabalho, alterando a organização da vida familiar, da popularização do automóvel individual, o que provocou mudanças na moradia e na cidade (Maricato, 2015).

Nos anos 1970, a mudança no modelo de produção e acúmulo de capital é marcado pela flexibilização: “flexibilização da estrutura produtiva em relação ao território, flexibilização da organização da unidade de produção (que se fragmenta), flexibilização nas relações de trabalho, flexibilização e diversificação dos produtos, flexibilização dos mercados” (MARICATO, 2015, p.71).

A flexibilização modifica também o papel do Estado.

“[...] a história do desenvolvimento capitalista (até nossos dias) assinala-se por incessantes e cada vez mais complexos processos de expansão e concentração e, com isso, sucessivas modificações nos elementos essenciais do Estado, alterações que não se originam somente no componente econômico, senão que delas também participa o Estado, enquanto agente de mudança fundamental. (FIGHERA, 1994, p.112)

Nos anos 1970 e 1980, o país passou por intensas transformações tendo a modernização como motor, a economia cresceu, mas também a pobreza. Esse cenário apresentava as condições para a atuação das grandes empresas para produzir e para regular o processo de urbanização. O papel do Estado se tornou fundamental como aliado

para tornar o território uma ferramenta para a ação das corporações, que possuindo os recursos fiscais pôde escolher onde investi-los.

A ideia da ineficiência do Estado se fortalece novamente quando os problemas de financiamento e gestão dos governos nos países desenvolvidos se notabilizam (Dupas, 1998). O neoliberalismo atua como governança do capitalismo avançado. Sendo o capitalismo desigual, também é o liberalismo. Mas ao contrário do que se faz acreditar o ideário neoliberal, os Estados não foram diminuídos, “mas adaptaram-se às exigências das grandes corporações e do capital financeiro. Enfraqueceram-se apenas em relação às políticas sociais” (MARICATO, 2015 p. 73).

A cidade - desde seu princípio e atualmente - está inserida nesse processo dinâmico de acúmulo de capital, assumindo um caráter de mercadoria.

“Os capitais que ganham com a produção e exploração do espaço urbano agem em função do valor de troca. Para eles, a cidade é mercadoria. É um produto resultante de determinadas relações de produção. Se lembrarmos que a terra urbana, ou um pedaço de cidade, constitui sempre uma condição de monopólio - ou seja, não há um trecho ou terreno igual a outro, e sua localização não é reproduzível - estamos diante de uma mercadoria especial que tem o atributo de captar ganhos sob a forma de renda. A cidade é um grande negócio e a renda imobiliária, seu motor central” (MARICATO, 2015, p. 23).

O Estado alia-se às regras comerciais de competição e busca agenciar o território urbano para venda, para ao mesmo tempo lucrar com impostos sobre as propriedades imobiliárias e promover o crescimento econômico urbano (Tonucci Filho e Magalhães, 2007).

“A produção do espaço atravessada por processos (governamentais) neoliberais envolve a ativa construção de um conjunto de pressupostos sociopolíticos para esse fortalecimento do mercado: contratos, propriedade, polícia, formação da oferta de mão de obra – através dos cercamentos, do bloqueio ao surgimento de alternativas autônomas de sobrevivência, do sufocamento do comum.” (TONUCCI FILHO E MAGALHÃES, 2007)

Ou seja, o poder do mercado se fortalece na propriedade privada, influenciando o planejamento urbano, o desenho das cidades e suas formas de ocupação. A partir dessa ideia passa-se a denominar essa forma de gestão da cidade de urbanismo neoliberal ou neoliberalismo urbano.

Um dos conceitos marcantes dentro do urbanismo neoliberal é o de especulação imobiliária, que é basicamente a compra e manutenção de terrenos e unidades comerciais



ou residenciais sem uso, esperando por melhorias no entorno que os valorizem perante o mercado. Os investimentos para valorização podem acontecer por meio da iniciativa privada, com novas construções como shoppings ou condomínios habitacionais fechados ou por meio do poder público, com melhoria de infraestrutura.

A escolha do mercado pelo local de valorização, acaba por definir onde cada grupo social irá morar. Os antigos moradores das regiões que são valorizadas são expulsos pela especulação por não terem condições de arcar com o novo custo de vida e isso dá início ao processo de gentrificação dessas áreas, “que leva na direção do cerceamento e da privatização, e do definimento do espaço público de apropriação aberta, livre e democrática (TONUCCI FILHO, MAGALHÃES, 2007)”.

Para essas pessoas excluídas restam apenas as áreas da cidade que não interessam ao mercado imobiliário legal ou que não deveriam ser ocupadas, como áreas ambientalmente frágeis, ocupações que oferecem risco ao meio ambiente e aos moradores. A população urbana excluída precisa buscar acesso à moradia por meio de seus próprios recursos. As construções das casas acontecem sem nenhum acompanhamento técnico, sem seguir a legislação urbanística e edilícia, executadas pelos próprios moradores em seus horários livres. A essa prática dá-se o nome autoconstrução.

“Essa prática, dita de autoconstrução, foi central para o barateamento da força de trabalho nacional (o custo da moradia não estava incluída no salário), especialmente durante o período desenvolvimentista, quando a indústria fordista se instalou nos países capitalistas periféricos, em busca de seus mercados internos. E a autoconstrução continua como aspecto central da globalização. Apesar de incluído no sistema produtivo capitalista, o trabalhador (parte da População Economicamente Ativa) é excluído do mercado residencial capitalista.” (MARICATO, 2015, p. 80)





Fig. 3: Ocupação no bairro Jabotiana, Aracaju, na beira do rio Poxim.

Fonte: DEFESA CIVIL, 2019.

Uma “alça” do urbanismo neoliberal é o que recentemente passa a ser chamado de urbanismo tático, que são intervenções participativas e comunitárias de baixo custo para modificar o espaço público, sem a presença do Estado.

“O atual estágio do desenvolvimento capitalista das cidades assiste a emergência desse urbanismo tático de forma eufórica, como alternativa da inviabilidade do Estado em gerir seus serviços e bens, como suprassumo do neoliberalismo materializado em produção descentralizada da cidade. O custo de produção do espaço público está se externalizando.” (KOGAN, 2016)

O Estado apresenta o discurso de “redução de gastos” e se ausenta da sua responsabilidade sobre o espaço público (Kogan, 2016) deixando-a nas mãos de agentes externos, que no caso do urbanismo tático, seria a comunidade, que investe seus recursos próprios nos projetos e ações.

“Sem nenhum controle estatal sobre a qualidade e o objetivo dos espaços públicos, a autoprodução do espaço substitui a figura das empresas privadas pela “comunidade” ou indivíduos –ideologicamente difundidos como propositores do espaço público, mas que se mostram antes vítimas da externalização de custos da municipalidade endividada.” (KOGAN, 2016)

Mas as empresas privadas já se apropriaram dessa prática, atuando como patrocinadoras de ações quando o local lhe interessa financeiramente ou como propaganda. Essa parceria colabora para a gentrificação desses espaços, ampliando a ideia de que a cidade pertence à elite.



Fig. 4: Ocupação de uma vaga de estacionamento com parklet (Pavement to Parks) em São Francisco, CA. Fonte: PFEIFER, 2013, p.35.



Fig. 5: Pinturas realizadas intencionando melhorar a segurança de cruzamentos e vias do bairro Santana, zona norte de São Paulo. Fonte: WIR BRASIL, 2020.

A atuação do poder público, como supracitado, estimula a especulação, lotando as periferias, sem oferecer solução aos problemas urbanos. E é essa a dinâmica que ainda domina as cidades capitalistas nacionais e internacionais até hoje. O próximo subcapítulo apresenta como se dá a construção do discurso hegemônico sobre a periferia e como o capitalismo gera a exclusão social.

### **1.3 DISCURSO, REALIDADES E LUTAS SIMBÓLICAS**

É preciso entender como se dá a construção dos discursos que conhecemos sobre os excluídos e pobres para tentar compreender a realidade da periferia.

“[...] esses discursos, realidades [...] se constituem historicamente num campo de lutas simbólicas determinadas pelo espaço das posições que os grupos ocupam na sociedade, o espaço de posições sociais. E a posição ocupada por grupos dominantes, dentro das relações materiais e de poder, permite produzir e impor suas representações simbólicas a respeito de outros grupos e obter o reconhecimento dessas imagens como verdadeiras.” (LIMA, 2005, p. 15)

O que é mostrado sobre o pobre é uma ideia estereotipada carregada de imagens negativas, “seres em geral, inferiores e, particularmente, sujos, dotados das qualidades distintivas de sua posição social, sem boas maneiras, sem princípios éticos do trabalho, sujeitos ao controle social sob pena de ameaçar a ordem dominante” (LIMA, 2005, p.70).

As diferentes classes e frações de classes estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social (BORDIEU, 1989, p.12 in LIMA, 2005, p.61), ou seja, uma luta para consolidar sua própria representação social. Isso reforça a inferioridade do pobre no campo das forças, diz quem nessa luta simbólica está perdendo, já que “[...]”as ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante.” (MARX & ENGELS, 1982, p.72 in LIMA, 2005, p. 41).

Tendo a noção da construção das representações sociais da pobreza urbana, pode-se afirmar assim que a pobreza é um discurso, uma noção relativa que diz respeito à forma como cada sociedade lida com a desigualdade e a justiça social, como coloca Lima (2005), uma resposta à necessidade de lidar com algumas características socioeconômicas surgidas recentemente, como é também o conceito de exclusão social e desemprego (DUPAS, 1998).

A exclusão social possui diversas definições, sendo “de modo geral, [...] um fenômeno que se manifesta num tempo e num espaço definidos historicamente” (LIMA, 2005, p. 81), relacionada a mudanças do capitalismo.

Para Escorel (1995), “[...] o conceito de exclusão social é reservado para definir situações e condições nas quais há um processo social ativo de discriminação, estigmatização e expulsão de um conjunto de âmbitos sociais não determinado por decisões individuais.”. Essa ideia é reforçada por Dupas (1998), ao dizer que “pode-se estar excluído do mercado de trabalho (desemprego de longo prazo), do trabalho regular – part-time e precário –, do acesso a moradias decentes e a serviços comunitários, do acesso a bens e serviços – inclusive públicos.”

Lima (2005) considera a exclusão uma categoria social que se impõe como síntese da pobreza urbana e atrela-se a outras imagens para representar as personagens dessa pobreza apresentadas como favelados, moradores de rua, invasores. Para o autor, a noção de exclusão está fundada nos valores de igualdade, justiça e liberdade de uma sociedade e carrega valores negativos e “estigmatizantes”.

Para compreender melhor o discurso da exclusão é necessário atentar-se que “[...] em todas as histórias de exclusão social há uma trajetória básica que percorre da precariedade até a privação material; a não-integração no mundo do trabalho e a pobreza daí advinda é o "mínimo denominador comum" dos excluídos.” (ESCOREL, 1995).

Com a modificação da lógica das cadeias produtivas do capitalismo global, a geração de empregos também é modificada, fazendo dos excluídos, que anteriormente compunham o “exército de reserva”, economicamente desnecessários e supérfluos, chamados assim por Escorel (1995). “[...] Se antes a grande preocupação era com as condições de exploração nas quais a inserção se dava, agora ela tornou-se a dificuldade de encontrar formas de inserção social, quaisquer sejam elas.” (DUPAS, 1998).

Em se tratando do Brasil, Lima (2005) afirma que:

“[...]a conjuntura social e econômica das décadas de oitenta e noventa, não obstante as transformações significativas relacionadas à globalização na economia do país e à reforma do Estado, tende a agravar as enormes desigualdades na estrutura social urbana, intensificando-se a dinâmica perversa da segregação socioespacial através dos indicadores de queda do nível de renda da maioria da população e de aumento dos índices de desemprego.” (LIMA, 2005, p. 20)

Além de manifestar-se no campo da inserção no mercado de trabalho, a exclusão social se dá também na dimensão política.

“A exclusão social neste âmbito é constituída por trajetórias de precariedade no exercício de direitos formalmente constituídos e de incapacidade de se fazer representar na esfera pública, atingindo, no limite, a configuração de um espaço de não-cidadania no qual a destituição de direitos se traduz na privação de um poder de ação e representação.” (SCOREL, 1995)

Ao ser colocado como um não-cidadão ao ter o exercício do direito dificultado, o indivíduo vive sob ação do acaso, “sujeitos à violência sem direção e, portanto, alvo privilegiado de intervenções do aparelho repressivo, da Igreja, do Estado e da sociedade civil organizada” (LIMA, 2005, p.82). A vida arbitrária é forçada aos excluídos, o caminho mais fácil é considerar e aceitar a pobreza uma fatalidade. A aceitação da exclusão social como "fatalidade" a banaliza, torna inexistente qualquer responsável por esse desequilíbrio e possibilita, inclusive, aceitar a eliminação desse indivíduo.

“Excluir significa expulsar do "mundo comum" dominante, significa literalmente colocar para fora dos parâmetros e normas que regem as relações sociais; não apenas marginalizar e sim desconsiderar a existência humana. Excluir significa criar e perpetuar condições sociais que "tornam permanente o ato de morrer".” (SCOREL, 1995)

## 2.O LUGAR DA MULHER NA CIDADE

A cidade é resultado de uma construção social, onde manifestam-se as desigualdades e hierarquias espacializadas. Neste capítulo, as desigualdades de gênero serão abordadas pela diferenciação entre espaço privado (feminino) e espaço público (masculino) a partir da perspectiva da divisão sexual do trabalho na qual o trabalho reprodutivo é considerado responsabilidade feminina e o trabalho produtivo, masculina.

“A diferenciação entre o privado e o público é valorizada socialmente de maneira hierárquica e serve para designar o papel e função de varões e mulheres em cada sociedade, estabelecendo-se a divisão sexual do trabalho e das funções sociais segundo o gênero. De acordo com esta ordem, as mulheres no espaço privado devem cumprir com uma função reprodutiva biológica social e cultural e os homens no espaço público devem cumprir com uma função produtiva e provedora.”  
(RODRÍGUEZ, 2006, p.12)

O trabalho denominado reprodutivo diz respeito a manutenção das necessidades básicas do ser humano e da condição biológica da maternidade feminina e é não remunerado; já o produtivo é o que produz mercadoria e gera riquezas para o detentor dos meios de produção, em sua maioria vem a ser remunerado.

A partir da reconstrução histórica do papel da mulher na sociedade e na família até a atualidade é possível visualizar o poder do capitalismo diante do corpo e do trabalho feminino e seu lugar na cidade.

Durante as primeiras eras, homens e mulheres ocupavam posições de cooperação. Homens caçavam e mulheres colhiam e suas funções possuíam mesmo valor para a sobrevivência da comunidade. A revolução agrícola só foi possível por conta da fixação do homem ao lugar, que tem na atividade das mulheres um importante fator para sua consolidação.

“Com a grande ampliação dos suprimentos alimentares, que resultou da domesticação cumulativa de plantas e animais, ficou determinado o lugar central da mulher na nova economia. (...) A casa e a aldeia, e com o tempo a própria cidade, são obras da mulher.” (MUMFORD apud SPOSITO, 1998, p.13)

Na era pré-cristã, na sociedade grega, o lugar da mulher era o doméstico, cuidando das crianças e do lar, enquanto os homens ocupavam a *polis* numa manifestação da cidadania e as mulheres era negada essa vivência. A relação familiar era hierarquizada e as atividades femininas não eram consideradas trabalho por serem desenvolvidas no ambiente doméstico, enquanto o dos homens era no mercado, espaço público (RODRÍGUEZ, 2006, p.48).

Já no período feudalista, a vida das mulheres era controlada pelos senhores em todas as esferas, desde o trabalho até o casamento e a conduta sexual. A relação de dependência dessas mulheres com os membros homens de suas famílias era menor por conseguirem trabalhar na terra da família e não necessitar dos maridos para o sustento e cuidavam também das atividades domésticas sem serem subjugadas por isso.

Com a monetização da vida econômica consolidada no final do século XIII que gerou aprofundamento nas divisões sociais e reduziu o acesso do povo a propriedade e a renda, as mulheres migraram do campo para as cidades. Lá exerciam funções mal pagas como servas, vendedoras ambulantes, comerciantes, fiandeiras, membros de guildas menores e prostitutas ao mesmo tempo que adquiriam uma nova autonomia social sendo menos subordinadas aos homens (FEDERICI, 2017, p.61-64).

A Igreja Católica como principal símbolo de poder na época precisou lutar contra movimentos heréticos que buscavam combater as hierarquias sociais, a acumulação de riquezas e a propriedade privada e questionavam a posição da Igreja diante disso. Nos grupos heréticos, as mulheres eram consideradas iguais e possuíam os mesmos direitos que os homens podendo até alcançar ordens sacerdotais, sendo livres para circularem pelas cidades e dividir casas com homens que não fossem seus maridos.

O controle da Igreja ia além das questões espirituais e controlava os corpos de homens e mulheres condenando o desejo sexual. No século XII, o matrimônio passou a ser um sacramento que em hipótese alguma poderia ser dissolvido. No século XIV, o aborto foi considerado uma ameaça à estabilidade econômica e social. A sexualidade foi completamente politizada (FEDERICI, 2017, p.82).

Segundo Silvia Federici (2017), no início do século XV, a perseguição à heresia se tornou a caça às bruxas, o que colocou a figura feminina como algo a ser controlado, vigiado e punido. Antes disso, as mulheres de baixa renda passaram por um período de terror quando as autoridades fizeram vista grossa diante de estupros aproveitando-se de tal violência como uma maneira de diminuir as tensões sociais transformando-as em hostilidade contra as mulheres proletárias. O corpo da mulher foi usado como instrumento na luta de classes, vivendo sob constante risco no espaço público por ser considerado também de posse pública.

O discurso disseminado a respeito da mulher a colocava agora como uma figura passiva, silenciosa, que deveria obedecer ao marido, depois de mais de dois séculos de perseguições e violências. A degradação do lugar da mulher na sociedade continuou com a desvalorização do seu trabalho, as esposas passaram a não receber pelo trabalho artesanal doméstico sendo a remuneração passada aos maridos, o que gerou uma relação de dependência pela sobrevivência. Com sua expulsão dos ofícios e a desvalorização do trabalho reprodutivo, a pobreza foi feminilizada (FEDERICI, 2017, p.191).

O surgimento do mercantilismo monetiza as mercadorias e cria o trabalhador livre. O homem nesse processo se transforma em mão de obra remunerada, enquanto a mulher se torna doméstica não remunerada no sentido de viabilizar a exploração pelo trabalho, ou seja, não transmitindo para o valor da mercadoria a sobrevivência do lar. Nesse sentido, o trabalho da mulher, não remunerado, é naturalizado como próprio do seu gênero.

“[...]todas as mulheres (exceto as que haviam sido privatizadas pelos homens burgueses) tornaram-se bens comuns, pois uma vez que as atividades das mulheres foram definidas como não trabalho, o trabalho das mulheres começou a se parecer com um recurso natural, disponível para todos, assim como o ar que respiramos e a água que bebemos.”  
(FEDERICI, 2017, p.191)

Nos casos dos países colonizados como o Brasil, onde houve a escravidão do povo negro, a exploração do trabalho feminino era no trabalho doméstico como amas de leite,

acompanhantes, babás, cozinheiras, mas também na produção de riquezas dos seus senhores trabalhando nos engenhos e fazendas.

No século XVIII, durante a Revolução Industrial, as fábricas empregaram mulheres e crianças num regime de trabalho de longas e exaustivas jornadas e em condições precárias e de remunerações inadequadas. Além disso, o trabalho doméstico não remunerado continuava como responsabilidade unicamente feminina, obrigando as proletárias a assumirem uma dupla jornada de trabalho. Tal condição só foi válida para as mulheres da classe trabalhadora, enquanto as da classe dominante lutavam para poder trabalhar.

A divisão sexual do trabalho imposta no capitalismo teve base na determinação social, cultural e política do que seria o trabalho feminino e o masculino e no valor de cada um.

“Como a propaganda popular representava a vocação de todas as mulheres em função dos papéis que elas exerciam no lar, mulheres obrigadas a trabalhar em troca de salários passaram a ser tratadas como visitantes alienígenas no mundo masculino da economia pública. Fora de sua esfera “natural”, as mulheres não seriam tratadas como trabalhadoras assalariadas completas.” (DAVIS, 2016, p.219)

Em relação ao mercado de trabalho brasileiro, os gráficos do IBGE, gerados por meio da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio - Contínua (Pnad Contínua), apresentam as desvantagens vividas pelas mulheres num quadro de desigualdades e falta de oportunidades. A figura 6 compara o percentual de pessoas desocupadas por sexo e a figura 7, o rendimento médio mensal, ambos dados do segundo trimestre de 2019.



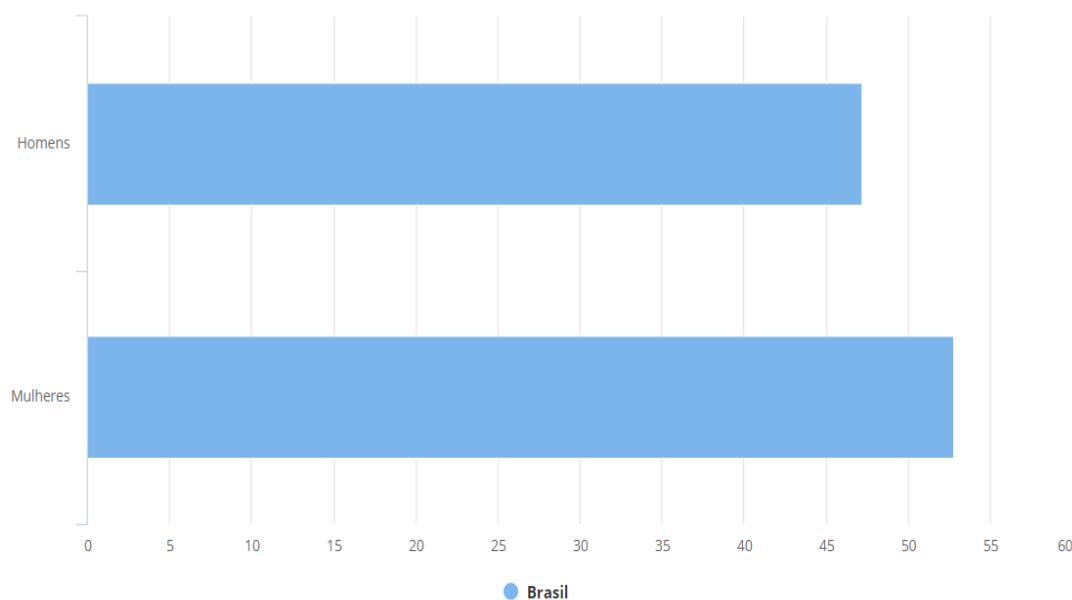


Fig. 6: Distribuição percentual de pessoas desocupadas por sexo, 2º trimestre 2019. Fonte: IBGE, 2019.

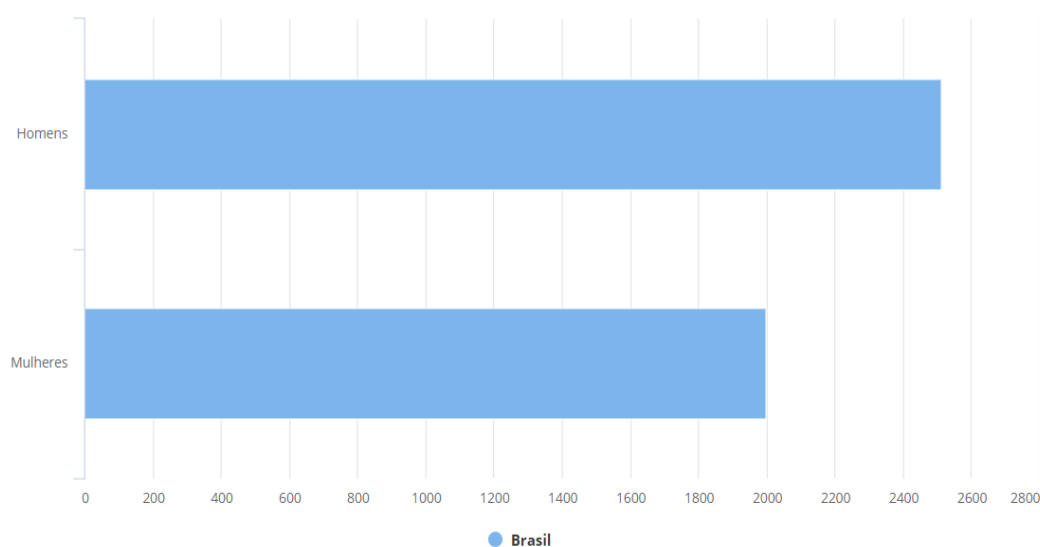


Fig. 7: Rendimento médio mensal por sexo, 2º trimestre 2019. Fonte: IBGE, 2019.

A divisão sexual do trabalho se materializa nas relações com o espaço público e o espaço privado.

“[...]A divisão de tarefas e funções estabelecidas socialmente como próprias de homens ou de mulheres se manifesta na organização espacial, trazendo elementos úteis para sua legitimação. Paralelamente, dita divisão é recolhida pelo discurso social, proporcionando argumentos que confirmam e contribuem para a reprodução social.” (RODRÍGUEZ, 2006, p.52)

O espaço feminino é considerado o privado, o local de realização do trabalho doméstico. O espaço masculino é o público, lugar de realização do trabalho produtivo e da socialização. Todo o discurso construído ao longo da história sobre a mulher a coloca nesse espaço reforçando a ideia de que o lar deve ser de sua responsabilidade e o trabalho a ser realizado nele também, mas para o homem esse será o lugar de descanso e relaxamento.

É importante fazer um recorte de raça ao falar dos espaços, pois para a mulher negra estar no espaço público sempre se fez necessário por ser o lugar do trabalho e da sobrevivência. O espaço privado também se tornou o local de trabalho remunerado sendo possível identificar que a maioria das trabalhadoras domésticas são mulheres negras (figura 8). O regime escravocrata explorou e empobreceu a pessoa negra por anos e anos e o reflexo disso pode ser visto ainda no século XXI.

“Como consequência direta de seu trabalho fora de casa – tanto como mulheres “livres” quanto como escravas –, as mulheres negras nunca tiveram como foco central de sua vida as tarefas domésticas. Elas escaparam, em grande medida, ao dano psicológico que o capitalismo industrial impôs às donas de casa brancas de classe média, cujas supostas virtudes eram a fraqueza feminina e a submissão de esposa. As mulheres negras dificilmente poderiam lutar por fraqueza; elas tiveram de se tornar fortes, porque sua família e sua comunidade precisavam de sua força para sobreviver.” (DAVIS, 2016, p.220)

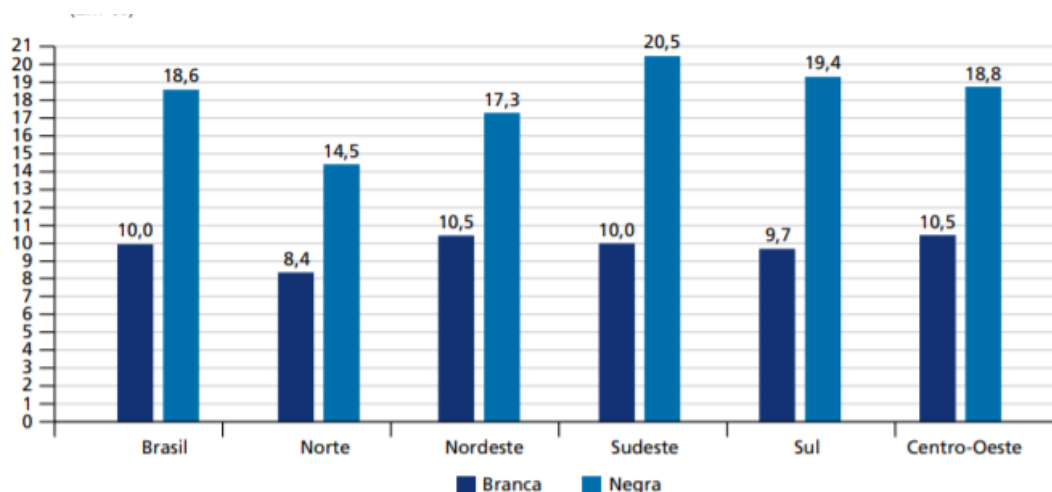


Fig. 8: Proporção de trabalhadoras domésticas remuneradas de 16 anos ou mais de idade no total de ocupadas no mercado de trabalho, por raça/cor – Brasil e Grandes Regiões (2018) (em %). Fonte: PNAD Contínua/IBGE, 2019.

O trabalho que as mulheres contemporâneas fazem para a manutenção da vida cotidiana de suas famílias não se realiza somente no interior da habitação, mas também nos lugares onde se realizam as diversas tarefas vinculadas à reprodução (MADARIAGA, 2004, p.16). O acesso à educação, a saúde, ao esporte, ao ócio, as compras etc. exige das mulheres o deslocamento no espaço público pela utilização dos sistemas de transporte disponíveis, o que pode demandar muito tempo.

A desigualdade vivida pelas mulheres ao acessar o espaço público em relação aos homens as coloca como um grupo vulnerável e que tem sua circulação prejudicada por condicionantes como horário, falta de companhia, forma de deslocamento etc. A ideologia que prevalece nas cidades não considera a mobilidade das mulheres fora do âmbito doméstico (RODRÍGUEZ, 2006, p.65).

As barreiras que existem no espaço público para a mulher se dão na esfera material com a ausência de acessibilidade, ambientes hostis a sua circulação e permanência, falta de equipamentos públicos como creches e escolas mais próximos de suas casas.

As necessidades não são universais, sendo os fatores sociais como idade, classe, raça, renda e estado civil possibilitadores de variações nas demandas das mulheres em diferentes graus. Para as matriarcas (mulheres chefes de família), para as idosas, para as mulheres negras e imigrantes e ainda mais para as que apresentam mais de uma dessas características, segundo Madariaga (2004), o peso dessas demandas é muito maior. As mães solteiras podem ser consideradas um dos grupos mais vulneráveis a partir dessa perspectiva.

“[...]Se cuidam dos seus filhos e filhas não podem trabalhar, e para trabalhar precisam pagar a uma pessoa que as substituam nas tarefas domésticas e de cuidado. Estas mulheres possuem grande debilidade econômica e são completamente dependentes da existência de serviços urbanos próximos, incluindo equipamentos, transporte público e habitação acessível.” (MADARIAGA, 2004, p.19. Tradução da autora.)

A invisibilização e inferiorização do trabalho e do corpo feminino se manifestam nas políticas urbanas empregadas na cidade capitalista. É dificultado o direito a mulher de pensar o espaço, decidir sobre ele e de acessá-lo.

### 3.ARACAJU E SUA PERIFERIA

A estigmatização a respeito da vida na periferia se reflete no caso do Bairro Santa Maria, em Aracaju. Existe uma forte ideia de que é muito perigoso e deve ser evitado. Ao fazer uma breve pesquisa na internet, os primeiros resultados são notícias sobre casos de violência e sobre transtornos causados pela ausência de infraestrutura no local.

A leitura como local periférico não se dá pela centralidade ou distância de bairros mais bem estruturados, mas sim pela questão social, principalmente pela ausência de infraestrutura, habitações de qualidade e segurança. Sabe-se que, de fato, o investimento realizado na periferia urbana dentro das possibilidades do urbanismo neoliberal é mínimo e que

“[...]a ausência do Estado em certas funções, como por exemplo as relativas à segurança do cidadão, em alguns pontos ou lugares, territorialmente falando, pode favorecer o surgimento de um “poder de fato” e, com isso, o desenvolvimento de uma rede clientelista à margem do Estado (Salama, 1990). Inevitavelmente, a se materializar cada vez mais essa tendência, a resolução das situações de conflito, à diferença do Estado de Direito, se fará sem nenhuma dúvida por via da violência.” (FIGHERA, 1998, p.114)

O Santa Maria ocupa parte da Zona Sul da capital sergipana (figura 9), fazendo divisa com a Zona de Expansão de Aracaju e com outros bairros. Localiza-se na área litorânea da cidade, que possui alta fragilidade ambiental, ambiente complexo formado por sedimentos de dunas e lagoas costeiras.



Fig. 9: Localização do Bairro Santa Maria (vermelho) em Aracaju-SE.

Fonte: Internet (com adaptação da autora), 2019.

O bairro surgiu como o povoado Terra Dura no século XIX, ocupado por propriedades rurais que produziam frutos tropicais como coco, mangaba e melancia, como território da cidade de São Cristóvão. No início do século XX, o Canal Santa Maria foi construído, aumentando a ocupação no local, sendo a maioria os próprios trabalhadores dessa construção. Em 1932, quando o Canal foi retificado, fato que fez a área se tornar mais habitada.

Na década de 1980, a prefeitura transfere o depósito de lixo do bairro Soledade para o povoado Terra Dura, o que pode ser tido como “uma verdadeira transferência de problema, uma vez que o depósito de lixo não atendia às exigências de legislação ambiental” (VIEIRA, 2011). O lixão tornou-se Aterro Controlado do Bairro Santa Maria em 2003 e foi desativado em abril de 2013. Durante o tempo de funcionamento de aterro, a região recebeu mais moradores, estes dependiam da coleta de lixo para a sobrevivência e viviam em condições de extrema miséria.

Também na década de 1980, o bairro começou a receber investimentos para a construção de conjuntos habitacionais para população de renda de até três salários coordenados pela CEHOP (Companhia Estadual de Obras Públicas). Os conjuntos construídos não possuíam a infraestrutura adequada e acabaram servindo de atração para mais ocupações irregulares, recebendo muitas pessoas do interior de Sergipe e estados

vizinhos, em geral moradores de baixa renda. A abertura da Avenida Alexandre Alcino também proporcionou o aumento populacional.

Em 1999, o Povoado Terra Dura passa a fazer parte do território de Aracaju, pertencendo antes ao município de São Cristóvão. Em 2000, logo após a transferência do território, a Lei Municipal de Aracaju nº 2.811, determinou que o povoado passaria a ser o Bairro Santa Maria. Esta mudança desencadeou outras políticas urbanas de ordem pública e de iniciativas privadas na localidade (Vieira, 2011).

Como objeto de análise, escolheu-se trabalhar também o Bairro 17 de Março e a Ocupação Recanto das Mangabeiras (figura 10) por considerar o impacto de consumo e deslocamento que estas áreas geram no Santa Maria. Além de identificar nas falas das mulheres entrevistadas e pela observação no local que a população desses locais se considera moradora do bairro Santa Maria.



Fig. 10: Bairro Santa Maria (vermelho), Conj. 17 de Março (roxo) e Ocupação Recanto das Mangabeiras (amarelo). Fonte: Google Earth (com adaptação da autora), 2020.

O Santa Maria é dividido em 15 “áreas ocupacionais”: o conjunto Valdares, o conjunto Padre Pedro, Cajueiro, Arrozal, a Ponta da Asa, conjunto Prainha, Marivan, Loteamento Santa Maria, Jardim Recreio, Areial, Conjunto Padre Marcelo Rossi, Morro do Avião, Loteamento Canal Santa Maria, Avenida Amarela e Paraíso do Sul (SEPLAN, 2001 apud VIEIRA, 2011, p.67).



Fig. 11: Entrada do Conj. Padre Pedro na Av. Alexandre Alcino. Fonte: Autora, 2020.



Fig. 12: Avenida Alexandre Alcino. Fonte: Autora, 2020.



Fig. 13: Feira na Av. Alexandre Alcino. Fonte: Autora, 2020.





Fig. 14: Ocupação Valdice Teles (MTST) localizada em um terreno na Ponta da Asa (ou Fim de linha). Fonte: Autora, 2020.



Fig.15: Ocupação Valdice Teles (MTST) localizada em um terreno na Ponta da Asa (ou Fim de linha). Fonte: Autora, 2020.



Fig. 16: Casa na Av. Alexandre Alcino na Ponta da Asa. Fonte: Autora, 2020.



O Bairro 17 de Março foi idealizado como um “bairro novo” para atender a demanda de habitação das famílias que moravam em assentamentos precários no Santa Maria e outros locais, resultando em 2.562 unidades habitacionais, sendo 2.042 casas e 480 apartamentos (FRANÇA, 2016). A infraestrutura, como saneamento, escolas, praças foram sendo entregues aos poucos, o que fez a população continuar vivendo em situação precária. Atualmente, a primeira maternidade pública municipal está sendo construída no bairro (figura 17), o que influenciará a relação das mulheres gestantes e mães com o espaço urbano.



Fig. 17: Construção da Maternidade do bairro 17 de Março. Fonte: Autora, 2020.

A Ocupação Recanto das Mangabeiras está localizada em um terreno bastante extenso onde existe uma plantação de mangabeiras e é feita a extração do fruto, ao lado do Bairro 17 de Março (figura 18). É a materialização da ideia já apresentada ao longo do trabalho do espaço que “sobra” na cidade para a moradia dos pobres.



Fig. 18: Conjunto habitacional tal (esquerda) e Ocupação Recanto das Mangabeiras (direita).

Fonte: Google Earth, 2020.



Fig. 19 e 20: Ocupação Recanto das Mangabeiras. Fonte: Google Earth, 2020.

A Prefeitura Municipal de Aracaju, por meio do Observatório Social de Aracaju, divulgou uma publicação com o perfil das famílias do bairro Santa Maria registradas no Cadastro Único com dados recolhidos em 2017. Esse cadastro se constitui em uma importante fonte de informações, em nível de bairros que ajuda a retratar a realidade socioeconômica de milhares de famílias em situação de pobreza e/ou vulnerabilidade social (PMA, 2017).

De acordo com o Cadastro Único da Prefeitura de Aracaju, o Santa Maria possui cerca de 24.413 pessoas cadastradas, aproximadamente 73% dos moradores do local. Do total de pessoas e famílias cadastradas, 15.082 (61,78%) pessoas e 4.856 (50,97%) famílias são beneficiárias do Programa Bolsa Família, o que caracteriza um cenário de pobreza e pobreza extrema no bairro. Com relação ao gênero das pessoas cadastradas, é predominante o público feminino, no qual 60,83% são mulheres, a maioria jovens de 7 a 15 anos e 25 a 34 anos, e 39,17% são homens. Do mesmo contingente, 80,04% se

declararam como pardas, em seguida com 10,15% como brancas, 9,01% como pretas, 0,70% declaradas como amarelas e apenas 0,09% de indígenas.

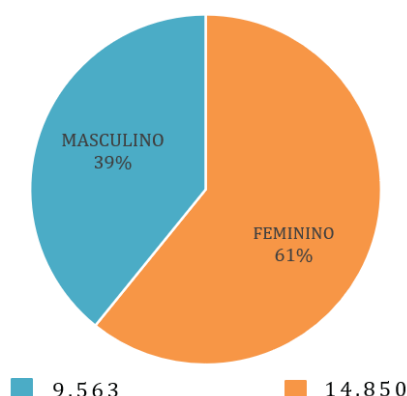


Fig. 21: Gênero das pessoas cadastradas no CadÚnico em 2017. Fonte: Observatório Social de Aracaju (com adaptação do autor), 2019.

Quanto à escolaridade, sabem ler e escrever 11.713 mulheres e 6.762 homens, ao mesmo tempo que o grau de analfabetismo se apresenta mais alto entre as mulheres, totalizando 3.101 contra 2.763 homens (figura 22). Das pessoas cadastradas no programa 7.029 estudam em escola pública, 1.224 na rede particular, 11.573 já estudaram e 4.507 pessoas nunca foram à escola; das pessoas maiores de 18 anos que estudam, 739 estão no ensino fundamental, 704 no ensino médio e apenas 28 cursam ensino superior, enquanto 208 pessoas estão em outros níveis como EJA (Ensino para Jovens e Adultos) e Médio especial. Para a população geral, a maioria possui apenas o nível fundamental - são 6757 pessoas, enquanto 4610 possuem o nível médio e apenas 136 pessoas têm nível superior.

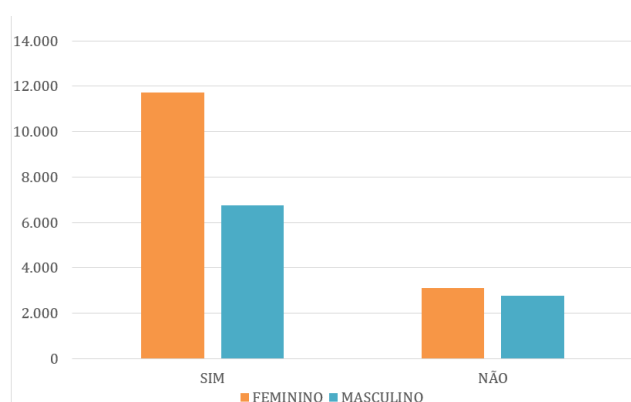


Fig. 22: Pessoas que sabem ler e escrever cadastradas no CadÚnico em 2017. Fonte: Observatório Social de Aracaju (com adaptação do autor), 2019.

Em relação ao trabalho, foram questionados sobre o trabalho remunerado nos últimos doze meses anteriores ao cadastro e apenas 56,08% (8.884) do total responderam positivamente. Classificando-as quanto sua renda, observa-se que 35,73% da população

cadastrada que possui alguma renda está em situação de extrema pobreza, um rendimento familiar mensal de no máximo R\$ 85,00. Estão em situação de pobreza 25,40%, ou seja, possuem renda familiar mensal entre R\$ 85,01 e R\$ 170,00 e 38,87% tem seus rendimentos na faixa de R\$ 170,01 até três salários mínimos. Uma análise sobre as principais fontes de renda mostrou que 48,25% dependiam de doações, 28,99% viviam de pensão alimentícia, 17,78% vinha de aposentadorias, enquanto 2,19% eram de seguro desemprego e 2,79% tem algum tipo de remuneração vinda de outras fontes.

As características dos domicílios também aparecem nesse levantamento. Quase a totalidade possui imóvel particular próprio, sendo estes 9.195 do total. Outros 343 são particulares improvisados e apenas 2 são domicílios coletivos, onde mora mais de uma família. A maioria das casas possui piso apenas de cimento, são construídas a partir de tijolo e o maior número das casas possui parede revestida. No que se refere à forma como a água chega às residências, em 6.423 domicílios acontece o abastecimento de água fornecido por rede geral de distribuição, mas 2.696 domicílios possuem outra forma de fornecimento, 96 têm acesso à água de poço ou nascente, e 12 residências coletam a água de cisternas. Quanto ao escoamento sanitário, 80,14% das residências contam com rede coletora de esgoto ou pluvial, 8,89% possuem apenas fossa rudimentar, 8,55% têm fossa séptica e 2,41% possuem outra forma de escoamento.

Estes dados revelam o perfil socioeconômico das famílias moradoras do Bairro Santa Maria e demonstram a carência de políticas públicas direcionadas a esse local. As habitações não apresentam as melhores condições e o saneamento básico ainda possuem falhas, o que comprova o que foi exposto ao longo deste trabalho: a área de moradia do pobre pouco interessa ao mercado e assim acaba negligenciada pelo Estado.

## 4.PERIFERIA: SUBSTANTIVO FEMININO

A partir das ideias apresentadas ao longo desse trabalho sobre a periferia, o discurso construído sobre o pobre (morador da periferia) e o lugar da mulher na cidade, busca-se nesse capítulo trazer a noção que diferentes mulheres moradoras de um bairro periférico tem sobre esses pontos. A intenção é ir além das generalizações e estatísticas e ouvir dessas mulheres o que é, para cada uma, morar num bairro periférico.

“Quanto ao significado de morar na periferia, podemos inferir impressões a partir do conceito de exclusão/inclusão social, uma vez que se levam em consideração os componentes espacial, econômico, cultural, entre outros, os quais se mostram de forma concorrente na vivência do morador da periferia. Assim, o sentido de ser periférico é sempre relativo.” (CHAVEIRO, 2007)

Foram entrevistas nove mulheres moradoras do bairro Santa Maria, de diferentes idades e profissões, todas mães, por entender que suas rotinas podem ser mais pesadas e a vivência na cidade mais complexa. As entrevistas transcritas serão apresentadas no apêndice.

## 4.1 METODOLOGIA

A metodologia adotada para a realização das entrevistas foi a cartografia. Rena et al (2015) afirma que o método cartográfico concebido por Deleuze e Guatarri busca trazer a colaboração para dentro do processo de mapeamento, registro e criação de novas realidades. “Possibilita-se, portanto, produzir conhecimentos que reúnem teoria e prática, nos moldes da copesquisa, processo de investigação ativista, engajado e militante” (RENA et al, pg. 15).

A cartografia propõe o olhar mais sensível e crítico do espaço, das ações e das experiências a partir da perspectiva dos inúmeros atores que compõem o ambiente. Estas pistas permitem a percepção espacial associada ao desenvolvimento de resistências, empoderamento, experiências políticas dentre outras questões associadas a visão crítica a respeito das problemáticas existentes no cotidiano.

Dessa maneira, a estrutura da entrevista foi montada a partir da ideia de “pistas”, ou seja, foram realizadas provocações sobre a casa, o bairro e a rotina e dessas respostas foram extraídas as discussões do trabalho. Foram abordadas as seguintes questões:

1. Descrição da casa;
2. Visão sobre o bairro;
3. Descrição da rotina de segunda a sexta;
4. Descrição da rotina aos finais de semana;
5. Visão sobre ser mulher morando em um bairro periférico.

A partir das falas de cada uma a respeito de cada questão, buscou-se extrair as informações sobre as diferentes esferas da vida cotidiana, sendo elas:

### 1. CASA

- Própria/alugada/cedida/ocupação urbana;
- Número de habitantes;
- Relação com o trabalho doméstico.

### 2.BAIRRO

- Problemas do bairro;
- Pontos positivos;
- Comunidade/lutas coletivas.

### 3.CIDADE

- Local de trabalho/estudo;
- Local para atendimento de saúde;



- Local onde os filhos estudam/passam o dia;
- Local de lazer;
- Segurança;
- Deslocamento (tempo, meios de transporte, condições).

#### 4. POLÍTICAS PÚBLICAS

- Atuação do poder público voltada para o bairro.

### 4.2 A VIDA DAS MULHERES DO SANTA MARIA

Todos os dias Francisca acorda às 4 horas da manhã para estar pronta para sair às 5. Kelli todo dia acorda às 5 horas para estar na escola em que trabalha às 7 horas da manhã. Antes de saírem de casa ambas precisam cuidar do almoço de seus filhos e companheiros. Cileide recebe os seus sobrinhos em casa às 6 horas da manhã e depois os deixa no colégio. Ao retornar precisa também cuidar de sua casa para depois trabalhar no salão que abriu em sua garagem. Tâmara precisa acordar para fazer o café para o esposo que sai para trabalhar, enquanto as circunstâncias a fizeram ser dona de casa.

Camila mora na ocupação Recanto das Mangabeiras e gosta muito da sua casa e fica feliz em poder desfrutar dela para descansar. Seus dois filhos, de 12 e 11 anos, moram numa cidade do interior sergipano, provavelmente com algum membro de sua família, enquanto ela trabalha de 7 às 17 horas todos os dias e mora em um barraco.

Francisca precisa do transporte público para chegar no condomínio onde trabalha. Márcia passa mais de 1:30 horas no trânsito para chegar em Nossa Senhora do Socorro, cidade vizinha a Aracaju, onde trabalha. Camila vai de ônibus até o emprego da manhã no Bairro Aruana e a tarde para o Augusto Franco. Mas os ônibus não deixam de ser importantes também em momentos de lazer, quando por exemplo, a família de Cileide quer sair junta. Eliete sente maior impacto em sua rotina do final de semana ao sair para locais fora do bairro durante a noite e tentando retornar após meia-noite, quando o último ônibus já passou pelo bairro.

Eliete sai de casa de bicicleta até a unidade de saúde onde trabalha. A família de Kelli Ana usa a bicicleta como principal meio de transporte durante a semana, mas também como a atividade de lazer aos finais de semana. Márcia levava consigo os dois filhos pequenos para aproveitarem a praia.

Cileide diz que já viu inúmeros casos de mães que precisam recorrer junto ao conselho tutelar por vagas nas escolas do Bairro por conta do limitado número de vagas

que não consegue suprir a demanda local. Ausência de creches dificulta a vida de algumas mulheres, como diz Eliete, pois estas precisam trabalhar para obter renda para família e sem ter onde deixar as crianças fica impossível sair ir por muitas horas e caso precise regularmente deixar os filhos sob a supervisão de outrem, é necessário pagar por isso, diminuindo a renda que já é baixa.

Eliete e Kelli sentiram durante o período universitário o peso de serem mulheres moradoras do Santa Maria. Elas reforçam que é muito difícil se afirmar intelectualmente pois são inferiorizadas apenas por dizerem que são de um bairro periférico.

O mercado de trabalho também se mostra resistente a empregar as mulheres do Santa Maria. Maria de Lourdes, costureira há muitos anos, vivenciou em um emprego conseguido há pouco tempo o preconceito a respeito do local da sua moradia. A empregadora, após dois dias de trabalho da Dona Lourdes, soube que ela morava no Santa Maria e decidiu dispensá-la. Eliete considera uma violência as chances quase nulas de conquistar um emprego apenas por conta do seu endereço.

“Uma vez, uma moça na fila começou a puxar assunto comigo e falou essa mesma coisinha, esse mesmo assunto, "eu tenho umas irmãs que só se empregaram porque mentiram, pediram o comprovante de residência de pessoas da família que moravam no Atalaia, não sei em onde, não sei em onde, pra poder se empregar e eu como sempre digo, não nego que moro no Santa Maria, tô aqui quebrando a cabeça pra arrumar um lugar pra trabalhar e não consigo". Não sou eu só não, uma moça jovem ainda conversou isso comigo. Aí eu vi que não era só eu que passa por esse preconceito.” (LOUDES, 2020)

O sentimento de insegurança causado pela violência urbana impacta muito mais a vida das entrevistadas moradoras da Ponta da Asa. O medo ao sair de casa cedo ou descer do ônibus tarde da noite é o mesmo. Francisca já projeta uma preocupação futura imaginando como será quando a sua filha de 17 anos estiver na universidade e precisar voltar mais tarde para casa. Muitas vezes a insegurança permanece durante o deslocamento dentro dos ônibus. O estigma de local violento dificulta o acesso dos moradores do bairro a serviços como Uber, delivery de alimentos, pois os motoristas e motoboys não sentem segurança para circular no Santa Maria.

Camila e Eliete abordam a violência policial como principal causa da sensação de medo e impotência diante do preconceito e da estereotipização sobre os moradores de



periferia. Eliete chega a citar situações em que foi abordada de forma rude e violenta por policiais apenas por ter tatuagem ou estar retornando para casa de madrugada. Essas mulheres, além de negras, são/foram moradoras da ocupação Recanto das Mangabeiras, o que permite observar que ação da polícia nesse ambiente é mais agressiva.

“Quando eu morava na ocupação das Mangabeiras, uma menina estava parindo e ambulância não queria ir justamente por ser uma ocupação, aí me chamaram e eu consegui falar com o pessoal do Samu. Quando a gente tava voltando quase duas da manhã fomos abordados, eu estava sem documento, mas estava com a carteirinha da universidade, o que eles me disseram foi: "Olha, puta favelada agora faz universidade!". Ou seja, a violência não é só a violência urbana que a gente sente quando se mora na periferia, mas também a violência policial.” (ELIETE, 2020)

Josélia tem vergonha de levar amigos à sua casa por conta do esgoto a céu aberto que passa em sua porta. Já a rua da Dona Maria de Lourdes está sendo asfaltada, coisa que poderia ser positiva, mas segundo ela as bocas-de-lobo não foram feitas, o que ocasionará inundações durante os períodos de chuva forte na cidade.

Ao retornarem das suas jornadas de trabalho remunerado essas mulheres ainda precisam cuidar de suas casas e famílias para no dia seguinte repetirem tudo mais uma vez. Mas como elas enxergam ser mulher e morar no Santa Maria?

**1.** Maria Eliete, 46 anos, agente comunitária de saúde, moradora do bairro há 33 anos.



“Eu ando com uma carga pesada porque eu sou preta, periférica, ainda digo que moro no Santa Maria, enfim, eu não valho nada! É foda! É muito forte! E por isso eu levanto a

bandeira em qualquer lugar! Tem espaços que quando você começa a se colocar, a pessoa vem e pergunta se você mora realmente no Santa Maria. É assim, quem mora aqui não sabe ler, não sabe escrever, não sabe se colocar, não sabe se posicionar, quem mora no Santa Maria não sabe nada disso.”

2. Camila Paula da Silva de Lima, 29 anos, auxiliar de limpeza, moradora do bairro há 5 anos.



“Cara, é massa viu. Eu não encontrei até agora uma mulher sem garra nesse bairro. As mulheres que eu encontro, que eu conheço, são mulheres de fibra, mulheres de pegada. Não é mulher de ficar de braço cruzado esperando o tempo passar. As mulheres que eu conheço, falo por mim e falo por todas, são mulheres de garra, mulheres de fibra. Se não tá trabalhando de carteira registrada, doméstica ou então diarista, cozinheira, elas tão fazendo geladinho, vendendo bala, catando reciclagem, até vão no fim da feira, catar o resto da feira. Mas nunca tá faltando nem um leite nem um pão pros seus filhos. Mulheres que vão de madrugada para posto de saúde pegar consulta pros filhos, pros maridos. Principalmente pros filhos. Mulheres que quando falta água vão pro rio, vão catar manga, vão vender, vão pescar. Eu conheço mulheres daqui assim.”

3. Maria de Lourdes Andrade Souza, 58 anos, costureira, moradora do bairro há 18 anos.



“Olha, eu sou costureira, né, não tenho carteira assinada porque no início, quando me casei, meu marido nunca me deixou trabalhar fora, era pra criar os filhos dele, cuidar dos filhos dele. E agora, só depois de certa idade, pra me manter viva, pra sobreviver tem que trabalhar. (...) Se você falar que mora no Santa Maria você não arranja trabalho em canto nenhum. (...) Difícil, difícil mesmo. É por isso que eu tenho desgosto. A casa é própria, tudo bem, eu agradeço a Deus porque eu tô debaixo de um teto meu, que não estou pagando aluguel, porque tem muitos que estão piores que eu, né, pagando aluguel. Agradeço por isso, mas o lugar, eu não gosto daqui por causa disso. Se eu tivesse condições de pagar um aluguel em outro lugar eu já tinha saído daqui, pode ter certeza.”

4. Josilma Santos de Santana, 37 anos, diarista, moradora do bairro há 26 anos.



“É difícil, assim, nós não somos bem vistas. A gente vai fazer um curso e perguntam "onde você mora?", a gente diz Santa Maria e já percebe aquele olhar diferente tipo "nossa, é do Santa Maria!", parece que aqui não tem ninguém que preste. É muito difícil!”

5. Francisca Rosa de Albuquerque, 48 anos, porteira, moradora do bairro há 12 anos.



“A gente tem que aceitar! Se eu tivesse condições, eu não estaria morando aqui, estava em outro bairro pra dar estudo e moradia melhor para os meus filhos, pra não deixar meus filhos crescerem vendo que acontece aqui no dia-a-dia. Nós que somos mães temos que aceitar, dar educação a eles morando aqui mesmo no bairro.”

6. Márcia Maria, 42 anos, auxiliar administrativa, moradora do bairro há 20 anos.



“Eu não me vejo de uma forma discriminada, não me vejo de uma forma que eu atrapalhe a vida de alguém, não me vejo como uma mulher que não tem oportunidade no meu bairro, não me vejo assim!”



7. Kelli Ana, 36 anos, professora, moradora do bairro há 15 anos.

“Na época da faculdade, eu sofria um pouco de discriminação por morar aqui, eu e outras pessoas. Porque as vezes o pessoal acha que aqui só tem gente ruim, mas não é bem assim. Tem muita gente boa, muita gente que se ajuda, que procura fazer o melhor pros outros.”

8. Tâmara, 24 anos, dona de casa, moradora do bairro há 20 anos.



“Hoje até então a gente tem uma liberdade, de vir, de subir o morro, de estar aqui. Aqui não é essas coisas que as pessoas falam, pra ser tão discriminado por aí. Eu nunca tive nenhum incômodo, nunca tive essa visão incômoda de vir aqui, de passear por aqui. Acho que não tem esse bicho de sete cabeças que as pessoas falam, por eu ser mulher por outras serem mulheres. O livre arbítrio de ir e vir é meu, não tem quem impeça, não falam "você não pode passar ali porque você é mulher". A gente faz as mesmas coisas que os homens também fazem. Não tem esse impedimento não.”

9. Cileide do Nascimento, 33 anos, cabelereira, moradora do bairro há 26 anos.



“É ser guerreira! Porque você carrega o fardo de ser mulher, negra e moradora do Santa Maria e não concluiu seus estudos, tem filhos e ainda pode ter mais filhos... Só isso você já não entra em trabalho nenhum. Pra você persistir e ser mulher num bairro como o Santa Maria, tem que ser guerreira, tem que ter jogo de cintura pra tudo. E não abaixar a cabeça pra todas as coisas que você vai encontrar.”

### 4.3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS E VISITAS

Sete das nove mulheres entrevistadas são donas de suas casas, uma vive em casa alugada e uma em um barraco. Nenhuma, ao descrever as casas, reclamou da qualidade delas, coisas como calor, umidade ou falta de espaço, apenas comentaram a quantidade de cômodos. Camila e Cileide foram as únicas a mostrarem grande afetividade em relação as suas moradias.

A rotina das mulheres que trabalham durante o dia começa muito cedo principalmente por conta do trabalho doméstico e do cuidado com o marido e os filhos. Como apontado no capítulo anterior, essas tarefas foram designadas responsabilidade feminina há muito tempo e são poucos os lares que tentam romper com essa dinâmica.

Por conta da oferta de transporte público e tempo de deslocamento, a saída para o trabalho precisa acontecer com mais de uma hora e meia de antecedência. Algumas trabalham no bairro, mas outras precisam passar o dia inteiro fora por conta da distância dos trabalhos para suas casas, retornando apenas a noite. Nos finais de semana e feriados, a mobilidade fica comprometida ao depender de ônibus por conta da redução das frotas, além da dificuldade na madrugada para retornar ao bairro ou se deslocar por conta de alguma emergência em acessar meios privados de transporte (táxi, mototáxi e serviços por aplicativo) pelo medo dos motoristas.

A bicicleta aparece como o meio de transporte que melhor atende às necessidades das entrevistadas, principalmente para a circulação dentro do bairro. Durante as visitas foi fácil notar a grande quantidade de bicicletas nas ruas, mas não existe infraestrutura para tal. Não se vê ciclovias e ciclofaixas, muito menos bicicletários. A ausência dessa infraestrutura faz os ciclistas competirem com os carros, motos e ônibus, o que os coloca em risco. As mulheres carregam seus filhos nas bicicletas para deixá-los nas escolas, para levar ao hospital, para passear. É uma forma de ter independência sobre a sua mobilidade.

O acesso a saúde e educação é limitado no bairro e gera bastante impacto na vida das mulheres, principalmente na vida das mães de crianças pequenas. Ouviu-se muito

durante as entrevistas sobre a dificuldade em colocar as crianças na creche do bairro, já que a oferta de vagas é muito menor que a demanda. Os postos de saúde também precisam atender um número maior de pessoas que a sua capacidade suporta. A extensão territorial e populacional do bairro Santa Maria exige melhor distribuição desses equipamentos públicos.

Espaços públicos como praças existem, mas não são estruturados para o uso da população. A maioria das mulheres entrevistadas não falou sobre levar seus filhos ou ir com amigas para lugares dentro do bairro como forma de lazer. Para as religiosas, a igreja é, no final de semana, o lazer. Para as capoeiristas, o treino é o lazer. Não vai muito além disso se quiserem permanecer no bairro, muitas vezes preferindo não sair para evitar transtornos em relação ao transporte/deslocamento.

A violência que existe no bairro preocupa as mulheres, tanto a violência urbana quanto a abordagem policial truculenta. O medo é de ser assaltada na rua ou no ônibus, mas não deixam de fazer seus percursos sozinhas, de chegar tarde e descer no ponto de ônibus, pois é necessário. Já a ação policial diminui as mulheres apenas por serem periféricas. É a ação do poder hegemônico diante dos corpos femininos pobres e em sua maioria negros.

A ausência do poder público nos bairros de periferia, no caso deste trabalho, no Santa Maria, faz as moradoras se sentirem esquecidas. Não existe o incentivo à cultura, como Tâmara e Cileide, participantes de um grupo de capoeira, reforçaram nas entrevistas. Durante o período da pesquisa, a Prefeitura Municipal de Aracaju estava executando a obra de infraestrutura do corredor Hermes Fontes, na região central da cidade, o que causava certo desconforto em algumas mulheres entrevistadas. Enquanto suas ruas permanecem sem asfalto, com poeira em dias secos e lama nos dias chuvosos, elas precisam ver áreas já infra estruturadas passarem por mais modificações.

As moradoras da Ponta da Asa citaram alguns momentos em que fizeram protestos, foram até a prefeitura exigir o asfaltamento de suas ruas, mas nada nunca foi feito. Nem o saneamento básico foi realizado nessa área.

“O que falta mesmo aqui é essa visão do poder público de enxergar a gente. A gente também existe. É lama no meio da rua o tempo todo, se o poder público enxergasse mais, porque se você não paga uma conta de água ou luz, você é cobrado. Mas pra um esgotamento sanitário você não existe, pra um asfaltamento você não existe. É complicado, porque você

existe pra uma parte, pra ser cobrado, e em outro não.” (KELLI ANA, 2020)

2020 é ano de eleições municipais e algumas entrevistadas já aguardam a presença de candidatos que irão ao bairro com a intenção de obter votos. O vereador eleito pelos moradores já se mudou para outro bairro e aparece apenas em época de festas, segundo Cileide. O tipo de representação que elas esperam, de melhorias, de ações imediatas e de longo prazo, não é o que acontece mesmo elegendo uma pessoa que via suas mazelas diariamente.

Sobre ser mulher na periferia, foram ouvidas diversas vivências. Algumas não se sentem desrespeitadas e vivem tranquilamente, enquanto outras sentem o preconceito nas universidades, ao se candidatarem a uma vaga de emprego, ao circularem na rua. Quanto mais expostas na cidade, mais elas sentem o peso do discurso criado a respeito delas. São mulheres inteligentes desacreditadas intelectualmente, mulheres trabalhadoras desrespeitadas pela polícia, mulheres que vivem com medo pelos seus filhos. Mulheres que precisam diariamente desconstruir a ideia de que são incapazes. Que precisam ser guerreiras. Que não podem parar de lutar.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O urbanismo neoliberal reproduz as desigualdades de gênero e as desigualdades sociais no espaço urbano, de forma que as mulheres pobres acabam sofrendo um maior impacto em seus cotidianos. Dentro do recorte feito para este trabalho, mulher mãe moradora de bairro periférico, existem diversas experiências e visões, não são um grupo homogêneo, embora as adversidades que precisam ser diariamente enfrentadas na cidade sejam quase sempre as mesmas.

A sobrecarga de trabalho em cima dessas mulheres torna suas rotinas exaustivas, para elas são designados os cuidados com a casa e as crianças e ainda buscar trabalho remunerado, que lhe é negado várias e várias vezes apenas por morar em um bairro periférico. O lazer, a saúde, a educação em seu bairro lhe é negado. O deslocamento longo, em condições ruins e inseguro lhes é imposto.

Para a melhoria do espaço urbano, é importante que haja a representatividade feminina nas decisões e nas atuações de políticas públicas, tanto a partir de processos participativos quanto pela ocupação de cargos políticos. Mas essa representação precisa ser legitimamente comprometida com a construção de uma cidade justa, onde a moradia seja vista como direito de todos e não como mercadoria para alguns. O acesso à moradia adequada é o principal instrumento de transformação das vidas das mulheres.

Conversar com as mulheres do Santa Maria demonstrou a força do discurso criado a respeito dos moradores de bairros periféricos. São vistos como incapazes, sem inteligência. Não servem para o trabalho. E esse discurso afeta a qualidade de vida dessas pessoas e mexe com a autoestima. É difícil imaginar como deve ser ter que ser uma pessoa resistente o tempo inteiro.

Entende-se então, a partir do que foi exposto neste trabalho, que a luta pelo direito à cidade precisa ser uma luta anticapitalista, feminista e antirracista, para que os territórios urbanos sejam de fato democráticos e livres das opressões.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAVEIRO, Eguimar. A Periferia Urbana Em Questão: Um Estudo Socioespacial De Sua Formação. Boletim Goiano De Geografia. Goiânia: UFF, 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.5216/bgg.v27i2.2663>>

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUPAS, Gilberto. A lógica da economia global e a exclusão social. Estud. av. v.12 n.34 São Paulo set./dez. 1998

ESCOREL, Sarah. Exclusão social no Brasil contemporâneo: um fenômeno sócio-cultural totalitário? In: XIX Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Caxambu, GT Cidadania, conflito e transformações urbanas, 1995.

FEDERICI, Silvia. Calibã e a bruxa. Mulheres, corpo e acumulação primitiva. Trad. de Coletivo Sycorax, São Paulo: Elefante, 2017.

FIGHERA, Delfina Trinca. Estado e Território: Suas Relações e a Globalização in: Território: Globalização e Fragmentação. São Paulo: Hucitec, 1998.

FRANÇA, Sarah Lúcia Alves. Estado e mercado na produção contemporânea de habitação em Aracaju-SE. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Niterói: UFF, 2016.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua, 2º trimestre de 2019. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?t=destaques>> Acesso em: 20 de agosto de 2019.

\_\_\_\_\_. Síntese de Indicadores Sociais (SIS) 2017. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de->

noticias/releases/23298-sintese-de-indicadores-sociais-indicadores-apontam-aumento-da-pobreza-entre-2016-e-2017> Acesso em: 20 de agosto de 2019.

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Texto para Discussão - Participação no Mercado de Trabalho e Violência Doméstica contra as Mulheres no Brasil. Disponível em:<[http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=34971&Itemid=444](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34971&Itemid=444)> Acesso em: 25 de agosto de 2019.

KOGAN, Gabriel. Urbanismo tático, estágio avançado do urbanismo neoliberal. [Internet]. Disponível em: <<https://cosmopista.com/2016/03/22/urbanismo-tatico-estagio-avancado-do-urbanismo-neoliberal>>. Acesso em: 24 de agosto de 2019.

LIMA, Mário Hélio Trindade de. Exclusão social: representações sociais da pobreza urbana no Brasil. Vitória: EDUFES, 2005.

MADARIAGA, Inés Sánchez de. Urbanismo con perspectiva de género. Andalucía: Instituto Andaluz de la Mujer y Escandon Impresores, 2004.

MARICATO, Erminia. Para entender a crise urbana. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

PECCINI, Isabela Rapizo. Cidade: substantivo feminino: As desigualdades de gênero e o espaço público (não) vivenciado pela mulher. Trabalho final de graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo -UFRJ. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <[https://issuu.com/isabelapeccini/docs/tfg\\_isabela\\_rapizo\\_peccini\\_issuu](https://issuu.com/isabelapeccini/docs/tfg_isabela_rapizo_peccini_issuu)> Acesso em: 23 de agosto de 2019.

PFEIFER, Laura. The Planner's Guide to Tactical Urbanism. 2013. Disponível em: <<https://reginaurbanecology.files.wordpress.com/2013/10/tuguide1.pdf>> Acesso em: 04 de março de 2020.

PMA, Prefeitura do Município de Aracaju. Perfil das famílias Cadúnico Santa Maria. Disponível em: <<https://www.aracaju.se.gov.br/observatoriodearacaju>>. Acesso em: 25 de agosto de 2019.

RENA, Natacha et al. Cartografias Emergentes: a distribuição territorial da produção cultural em Belo Horizonte. Disponível em: <  
[https://issuu.com/caionepomuceno/docs/cartografias\\_emergentes\\_e\\_cultura\\_-  
\\_ad4e9ccd4e1497](https://issuu.com/caionepomuceno/docs/cartografias_emergentes_e_cultura_-_ad4e9ccd4e1497)> Acesso em: 15 de março de 2020.

RODRÍGUEZ, Lilia Mabel. Entre o lar e a rua. Os territórios das mulheres na casa e na cidade. Dissertação de Mestrado do Departamento de Geografia da Universidade de Brasília, 2006.

ROLNIK, Raquel. O que é cidade. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SANTOS, Milton. A urbanização brasileira. São Paulo: Hucitec, 1993.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Capitalismo e Urbanização. São Paulo: Contexto, 1988.

TONUCCI FILHO, J.B.M.; MAGALHÃES, F.N.C. A metrópole entre o neoliberalismo e o comum: disputas e alternativas na produção contemporânea do espaço. São Paulo: Cadernos Metropole, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cm/v19n39/2236-9996-cm-19-39-0433.pdf>>. Acesso em: 12 de março de 2020.

VIEIRA, Ewerthon Clauber de Jesus. Políticas urbanas e imagens da cidade: da Terra Dura ao bairro de Santa Maria em Aracaju-SE. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe, 2011.

## APÊNDICE

### Entrevistas

#### Entrevista 01 – Maria Eliete, 46 anos, realizada em 04 de março de 2020.

**Gabriela:** Eu gostaria que você descrevesse a sua casa e o seu bairro.

**Eliete:** Na minha casa a família é matriarcal, mora eu e meu filho. É uma casa comum, dois quartos, banheiro, cozinha, sala, quintal. O Santa Maria é bem complexo, que ele tem Santa Maria, Padre Pedro, Paraíso do Sul, Marivan, Valarades... Eu moro na Prainha, que foi um dos primeiros espaços a ser ocupado aqui no Santa Maria. Só que hoje onde eu moro na Prainha, não é mais Santa Maria, é bairro Aeroporto, justamente pela atuação das construtoras. Foi feito um condomínio na lá na entrada do Augusto Franco e foi vendido como bairro Augusto Franco porque achavam que poderiam colocar a entrada do condomínio pro lado de lá, mas teve que ser do lado de cá. Ou seja, ficou o endereço como Santa Maria, aí os moradores de lá não aceitaram. A gente não foi comunicado, quando descobrimos já era bairro Aeroporto, os condôminos de lá se reuniram para trocar o nome do bairro, porque não queriam o bairro Santa Maria. Quem perdeu foi a comunidade periférica, em contrapartida eles não querem o endereço como Santa Maria, mas quem perdeu foi a gente, ou seja, os benefícios que vem para a periferia não vão mais pra lá por não ser mais um bairro periférico. Por exemplo, está tendo pavimentação e o espaço que a gente mora está ficando sem porque a verba veio para fazer o pavimento, encanação, etc, para o bairro Santa Maria, aí a gente perdeu enquanto comunidade. Mas é uma comunidade, eu até comento com as minhas colegas, que eu não me acostumaria em morar em condomínio porque você não vê a cara de ninguém... é uma comunidade simples, que todo mundo se vê na porta, ainda consegue se sentar na porta, tem comunidades aqui dentro do Santa Maria que a gente não consegue mais se sentar na porta para conversar com os vizinhos, lá a gente ainda tem esse privilégio, ainda tem o privilégio dos meninos brincarem de bola no meio da rua, brincar de queimado, pular corda, ainda tem muito essa coisa antiga que a gente não vê muito assim nos bairros, nas cidades. Você consegue ainda descer do ônibus dez horas da noite, ainda ir de boa, eu chego às vezes duas horas da manhã quando eu vou pra rua com as meninas ainda é de boa, sabe?! Ainda é um lugar de boa convivência, ainda não tem tanta violência urbana lá como tem tipo no Paraíso do Sul, que hoje tem rua que tem toque de recolher, sabe?!

**Gabriela:** A sua casa é cedida, própria ou alugada?

**Eliete:** É cedida! Minha mãe faleceu, como eu era filha única ficou pra mim. Eu digo que foi um favor político porque a galera da periferia quando ganham essas casas acham que devem favor ao candidato, a gestão que lhe deu, pro resto da vida e lá em casa também foi assim. Na época acho que foi Maria do Carmo era da assistência social na gestão do marido, acho que era João Alves que estava no poder, já tem 35 anos isso, aí ela dava essas casas assim. Minha mãe foi, ficou um tempão indo pra lá e foi quando ela conseguiu esse terreno, na época eles davam o terreno e o material e a pessoa entrava com a mão de obra e foi assim que a gente conseguiu. Mas não tem escritura, ninguém lá tem, se eu lhe vender a casa vou lá e passo o recibo, mas escritura não tem. Aí ela faleceu e como só tinha eu de filha quem ficou residindo foi eu. É, não deixa de ser própria, né?!

**Gabriela:** Descreva sua rotina de segunda a sexta.

**Eliete:** Eu costumo dizer que essa é a minha rotina oficial, mas eu sou massoterapeuta, sou reikiana, dou aula de dança e por aí vai. Acordo de manhã, faço almoço e venho para o trabalho. Meio dia vou para casa, almoço, faço a rotina de casa e volto às 14 horas. Aqui (unidade básica de saúde Celso Daniel) fecha as 16 horas por causa da violência, deveria fechar as 17 horas, mas foi acertado com a gestão para fechar mais cedo. Volto pra casa, alguns dias tenho aula à noite, outros não, é isso. Quando tenho tempo vou pra academia. Tudo isso aqui no bairro. A minha vida profissional é toda aqui no bairro. Minha vida de moradora é no bairro, usuária é no bairro, profissional é no bairro, as vezes até social é no bairro. Tive meu filho aqui no bairro, ele cresceu e mora aqui.

**Gabriela:** E nos finais de semana?

**Eliete:** Final de semana varia muito. Por exemplo, no sábado geralmente eu tiro pra faxinar porque na semana eu não tenho tempo. Eu sou do Rejane (Auto-Organização de Mulheres Negras de Sergipe Rejane Maria), às vezes tem militância. Aí barzinho não é tão distante do bairro. Inclusive, uma das dificuldades da gente sair do bairro é que às vezes a gente chama o uber e ele não quer vir ao Santa Maria, aí perguntei ao rapaz e ele disse que o aplicativo sinaliza como área de risco, aí eles não são obrigados a vir. Tipo pizzaria, fast food, a gente chama e não vem, a gente vive esse dilema aqui. Pra gente ir pra show temos que acertar com alguém conhecido "olha, tal hora venho lhe pegar" porque se chamarmos um uber duas, três da manhã, eles não vêm trazer a gente. A gente além de morar aqui quando quer ir pra outro lugar... ônibus não tem né, que o ônibus

encerra meia noite, aí pronto, aí você não tem acesso, se você não tiver um parceiro que faça uber ou um parceiro que tenha carro é difícil pra gente sair daqui. Até motoboy não quer vir. Na época que o meu filho era criança, eu me cadastrei numa linha de táxi, porque eu passei o maior sofrimento pedindo para um táxi vir pegar a gente que ele tava com febre e ele convulsionava, aí foi "osso" pra esse rapaz vir pra cá, não queria vir. Não é só morar na periferia, é querer se divertir fora dela também é "b.o".

**Gabriela:** A respeito da segurança, como você se sente na cidade?

**Eliete:** Insegura! Não tem segurança nem dentro de casa mais. Eu não conheço outros bairros, mas falando da realidade daqui até enquanto agente de saúde: você tá assistindo televisão, o cara aponta uma arma pra você e leva tudo que tem dentro de casa. Aqui é assim em algumas comunidades. Eu me sinto mais segura morando na Prainha em comparação com outros lugares dentro do Santa Maria, ainda dá pra sentir uma falsa segurança. Mas falando no geral, não dá pra sentir segurança porque a gente é assaltado dentro do ônibus, a gente é violentado... Ainda mais como agente de saúde, a gente entra em cada casa que você não tem noção! Se fosse dar uma nota seria abaixo de cinco para a segurança. É óbvio que se eu morasse na 13 de Julho correria menos risco que morando nas periferias e isso não é questão de morar na periferia, mas existe todo um contexto, é claro que quem mora na periferia corre mais perigo. Corre mais perigo até pela abordagem policial, por exemplo, eu já sofri dois baculejos aqui no Santa Maria, um por ter tatuagem e outro porque meu ex companheiro estava com uma boina na cabeça e fomos abordados as quatro da tarde, só estávamos caminhando no meio da rua, mas eles estereotiparam a gente e nos pararam. Nós corremos riscos por sermos extremamente marginalizados por morar aqui no Santa Maria e lhe digo isso pela forma que fui abordada, eles já chegam dando baculejo, chamando você de puta. Quando eu morava na ocupação das Mangabeiras, uma menina estava parindo e ambulância não queria ir justamente por ser uma ocupação, aí me chamaram e eu consegui falar com o pessoal do Samu. Quando a gente tava voltando quase duas da manhã fomos abordados, eu estava sem documento, mas estava com a carteirinha da universidade, o que eles me disseram foi: "Olha, puta favela agora faz universidade!". Ou seja, a violência não é só a violência urbana que a gente sente quando se mora na periferia, mas também a violência policial. É a violência de quando você vai levar um currículo e diz que mora no Santa Maria, sua chance é zero. É muita coisa! É violência de quando eu saio na noite, enquanto mulher eu estou falando agora, se eu disser que moro no Santa Maria os homens me tratam de uma forma, se eu

disser que moro no Augusto Franco eles me tratam de outra, já fiz esse teste. Quando você diz que é do Santa Maria, se eles não lhe respeitam, é que eles não respeitam mesmo! É você ir pra uma palestra e dizerem que do Orlando Dantas pra cá é a Faixa de Gaza, é você estar nos espaços e começarem a "malhar" o Santa Maria porque acha que naquele espaço não tem ninguém do Santa Maria, inclusive universidade. Já passei muito perrengue na universidade. Quem mora no Santa Maria anda com uma carga pesada. Eu ando com uma carga pesada porque eu sou preta, periférica, ainda digo que moro no Santa Maria, enfim, eu não valho nada! É foda! É muito forte! E por isso eu levanto a bandeira em qualquer lugar! Tem espaços que quando você começa a se colocar, a pessoa vem e pergunta se você mora realmente no Santa Maria. É assim, quem mora aqui não sabe ler, não sabe escrever, não sabe se colocar, não sabe se posicionar, quem mora no Santa Maria não sabe nada disso. É todo esse tipo de violência que a gente sofre, principalmente as meninas que trabalham como em casa de família ou como diaristas, elas contam pra mim principalmente quando estou fazendo as visitas, que elas sofrem muito preconceito quando vão, precisam ter várias referências para poder trabalhar naquela casa porque é isso, mora no Santa Maria, pronto, acabou-se!

**Gabriela:** A respeito da sua visão sobre ser mulher no bairro periférico, você já falou um pouco antes, mas pode complementar.

**Eliete:** Dentro do feminismo a gente traz várias lutas, né, agora a galera da periferia que na sua grande maioria, no caso das mulheres do Santa Maria, que mais de 85% é negra, pode até não se reconhecer enquanto, a gente carrega todo o estereótipo. Não sofremos só machismo, mas também estereotipização, marginalização, sofremos inferioridade por acreditarem que não somos capazes. Moradora de periferia traz todas essas cargas, carga social, carga enquanto cor, enquanto luta de classe. É isso, é barril!

**Gabriela:** Agora o último ponto, a atuação do poder público. Como você enxerga a atuação tanto da prefeitura quanto do governo do estado dentro do bairro?

**Eliete:** O poder público é isento, não tô dizendo que falta, tô dizendo que é pouco. Por exemplo, se formos falar de iluminação, tem rua aqui que é extremamente escura, não tem iluminação, umas parecem candieiro, só ilumina aquele pedacinho do poste e mais nada, é precária a iluminação aqui. Nos ônibus em dias de chuva entra água por cima e por dentro. Isso é poder público. A unidade de saúde aqui ela já não suporta a demanda,



foi inaugurada em 2002 e o bairro já cresceu, já comportaria outra unidade. Educação... Eu vejo as mães comentando a falta de vagas nas escolas. Uma coisa precária aqui é creche, as mães que trabalham, famílias matriarcais que as mães são responsáveis, aí muitas perdem trabalho porque aqui não tem creche, é bem escasso. As que têm foram do tempo que o bairro era bem menor, agora o bairro já está muito extenso. A galera aqui é 99% SUS, ou seja, uma galera que respira o SUS. É escasso enquanto saúde, é escasso enquanto creche, principalmente creche, porque aí você demanda pagar alguém e isso diminui a sua renda.

**Entrevista 02 – Camila Paula da Silva de Lima, 29 anos, realizada em 07 de março de 2020.**

**Gabriela:** Primeiro é pra você descrever a sua casa.

**Camila:** Ah, eu moro em uma ocupação de movimento social. A ocupação Recanto das Mangabeiras, fica localizado no Santa Maria. Dizem que geograficamente é nas terras do bairro da Aruana, na zona de expansão. Mas como é barraco, a famosa invasão, aí colocaram como Santa Maria. Tanto que se você procurar pelo google, a avenida que meu barraco fica é a Gasoduto, que está como Santa Maria, mas antes era Aruana. Como é barraco, para não acabar manchando, abaixando o nível da Aruana, ainda mais porque são casas populares, de baixo custo, aí deixou como Santa Maria. Mas eu sinto orgulho mesmo que fique Santa Maria. Eu amo minha ocupação.

**Gabriela:** E sobre o bairro?

**Camila:** O bairro? O Santa Maria, eu gosto bastante dele. Eu vim pra aqui tem cinco anos, cheguei na ocupação 26 de fevereiro, dizem que já foi bastante perigoso. Eu vejo sempre as pessoas comentarem, os mais antigos, também a mídia fala que já foi bastante perigoso, mas agora tá mais tranquilo. Um bairro que tem de tudo, você encontra tudo no Santa Maria. É o quê, uns 15 minutos da ocupação, do barraco que eu moro, pro bairro mesmo. Mas ele precisa de muitas coisas a serem mudadas.

**Gabriela:** Tipo o quê?

**Camila:** Um pouco mais de cultura, um pouco mais de segurança. Um pouco mais de poder público olhar pro Santa Maria de uma forma mais ampla. Não uma coisa de projeto rápido, nem de médio prazo, mas algo que prolongasse mais. Não um projeto de vir 15

dias, um mês, e depois tchau. Mas um projeto que permanecesse mais, que tivesse coisas a mais no Santa Maria. Porque tem o banco, tem delegacia, coisas que precisa ter em toda comunidade. Tem escolas, tem algumas ruas que são urbanizadas, algumas ruas não têm asfalto e nem saneamento. Mas não tem creche no bairro, tem no 17 agora uma creche, mas o 17 é muito grande, muito tenso a quantidade de pessoas. Mas o Santa Maria não precisa só demais creche para as mães, mas de projetos sociais que permaneçam por mais tempo.

**Gabriela:** E agora é para você descrever sua rotina de segunda a sexta.

**Camila:** Acordo 5h15 e vou fazer corrida, perder umas calorias. Tem o momento da minha oração, com Deus. Depois eu vou pro trabalho. Trabalho meio período em uma olha e meio período em outra loja. No bairro da Aruana e depois pro Augusto Franco. Faço a locomoção de ônibus, depois venho pra casa. E se eu quiser comprar alguma coisa, tenho que me deslocar de onde eu moro pra ir pro Santa Maria, na parte mais central do Santa Maria. Aquela corrida, aquele corre corre que realmente é desgastante. Tem que ter geração de emprego pra aqui, pra comunidade de Santa Maria. Apesar de que eu trabalho próximo na parte da manhã, e na parte da tarde eu vou para o Augusto Franco, só que eu tenho poucos meses que trabalho, mas tem pessoas que estão desempregadas há muito tempo ou pouco tempo. Mas que a comunidade tivesse geração de emprego, não só cooperativas. Como se fosse "ah, por ser comunidade pobre, vamos montar cooperativa, porque é coisa de baixo custo". Mas abrir outras formas de emprego. Não que cooperativa seja ruim, mas que tenha outras gerações de emprego. A prefeitura, o poder público, conhece tantos empresários. Poderia montar empresas aqui pra geração de emprego para aqui. Iria movimentar o comércio daqui o negócio ia expandir mais.

**Gabriela:** Você tem filhos?

**Camila:** Tenho, um casal. Minha filha tem 12, Vitória, e Pedro Henrique tem 8. Eu sou mãe solteira. Eu moro aqui há cinco anos e eu tô pra conseguir uma casa pra eles. Eu fiquei muito tempo desempregada, catei reciclagem um tempo, depois fui olhar carro. Só que antes disso eu trabalhei numa empresa de telemarketing e antes disso trabalhava fazendo bico na orla, atendendo. Depois fui trabalhar numa lanchonete no terminal e com vinte dias trabalhando na lanchonete a patroa de onde eu trabalhava me conseguiu um emprego onde eu tô hoje, de carteira registrada. E eu moro sozinha na ocupação, no meu barraco. Me viro sozinha. Se der pra comer, eu como, se for só pão ou água a gente come.

Agora não é a melhor fase, mas do que eu já passei até agora, até que está sendo bom e daqui pra frente vai melhorar.

**Gabriela:** Agora é pra descrever o seu final de semana.

**Camila:** Em casa, estudando. Eu tô na lista de espera do Prouni ou do Fies para direito. Eu tenho duas formações técnicas pelo Governo do Estado e pelo Governo Federal. Mas agora no final de semana é mais em casa mesmo. Como eu fico nessa correria de segunda a sábado. Entro 07h30 e saio às 17h30 de segunda a sexta e no sábado das 07h às 11h30, tem finais de semana que eu amo ficar em casa. É um barraco, mas eu amo ficar nele. A prefeitura vai construir e a gente vai voltar pro nosso bairro. Não tem uma pessoa que diga que não ame morar ali. Tá cansado de morar em barraco, por questão de segurança, porque não tem saneamento básico. São essas coisas que [...] hoje vai fazer um ano e a prefeitura nada até agora. Sei que é um complexo grande, mas poderia agilizar mais um pouco. Será que se fosse eles, né? Se coloque no lugar do outro. Vamos pra você mesmo, é uma coisa mais pessoal. Se fosse você no meu lugar, o que você faria? "Ah, eu ficaria feliz". Não, não tem um morador desses 1400 barracos que não queira que adiante isso. Questão de segurança, saneamento básico. Meus filhos não moram comigo, mas e quem tem filhos? Já veio o tempo da chuva, aí reforma o barraco. Aquele calor, o barraco fica muito quente. Tem queda de energia, a água tem dias que falta e a gente precisa se virar. Essas coisas, mas não tem uma pessoa que diga "ah, não vejo a hora de construir meu barraco, minha casa" pra voltar pra aqui. Eu amo morar aqui. Porque foram muitas lutas, muito choros, muitos risos. Mas tem finais de semana que eu saio e volto logo, eu amo morar aqui nesse bairro.

**Gabriela:** Mas quando você sai no final de semana, é pelo bairro mesmo?

**Camila:** Não, não é pelo bairro, porque o bairro não tem... A praia é um pouco distante, shopping não tem, teatro não, cinema também não. Nenhuma praça. A praça que ainda tem alguma coisa é essa daqui da 17 de março, aqui do CRAS. E mesmo assim, a gente lá da ocupação, só algumas pessoas que moram aqui perto dessa parte do CRAS, porque eu moro do outro lado, aqui é a parte do fundão, eu moro do outro lado, é que sabe de algumas coisas que tem por aqui. Ainda mais que eu não ando frequentando o CRAS, porque eu trabalho. Aí eu não sei das atividades que tem aqui. Mas no Santa Maria eu não sei de quase nenhuma atividade, mas também, não tem nenhum anúncio pra ocupação. A gente é do bairro Santa Maria, mas é como se a gente fosse deslocado deles. A gente sabe

por terceiros: "ó, fui no Santa Maria e vi tal coisa", "escutei tal coisa". Agora de informações do Santa Maria direto do poder público pra gente, nada. Só se a gente passar por lá e por obra do destino encontrar.

**Gabriela:** Qual é a sua visão sobre ser mulher num bairro periférico. No caso, no Santa Maria.

**Camila:** Cara, massa viu. Porque eu não encontrei até agora uma mulher sem garra nesse bairro. As mulheres que eu encontro, que eu conheço, são mulheres de fibra, mulheres de pegada. Não é mulher de ficar de braço cruzado esperando o tempo passar. As mulheres que eu conheço, falo por mim e falo por todas, são mulheres de garra, mulheres de fibra. Se não tá trabalhando de carteira registrada, doméstica ou então diarista, cozinheira, elas tão fazendo geladinho, vendendo bala, catando reciclagem, até vão no fim da feira, catar o resto da feira. Mas nunca tá faltando nem um leite nem um pão pros seus filhos. Mulheres que vão de madrugada para posto de saúde pegar consulta pros filhos, pros maridos. Principalmente pros filhos. Mulheres que quando falta água vão pro rio, vão catar manga, vão vender, vão pescar. Eu conheço mulheres daqui assim. Nesses cinco anos que eu moro aqui eu não conheço uma mulher que deixa o tempo passar. São mulheres que merecem ser muito mais valorizadas. Não só as que passam na mídia, nem nos holofotes, mas essas sim são histórias de verdadeiras mulheres, de luta, de guerra. Que o sangue dá na canela, mas não deixa a espada abaixar.

**Gabriela:** E a questão da segurança?

**Camila:** Não muito boa. Nem tudo que se parece é ouro. Tem vez que tá um grupo de jovens conversando, só porque tá bebendo, já vão abordar. Por causa dos trajés, por causa do cabelo. A aparência engana, nem tudo que reluz é ouro, nem tudo que parece ser, é. E não tem segurança nenhuma, já chegam abordando, não perguntam se tem pai, se tem mãe, onde mora. Se tem família, quais são as origens. Já chega daquele jeito, bem pé embaixo, rasgando. A criminalidade vai sempre existir, em qualquer bairro. Como eu moro em ocupação, apesar de que são contextos diferentes, mas a Energisa veio cortar nossa energia porque é gato. E depois passou na televisão que o maior gato tá na região da 13 de julho e no Atalaia, na orla de Aracaju. Depois diz que são os barracos que dá prejuízo. Não quer dizer que a parte periférica não vai ter violência, todo lugar tem, mas aqui é escancarado, coisas inventadas, coisas aumentadas e escancarada. E a alta burguesia tudo abafado, debaixo do tapete. "Não, a gente nunca".

**Gabriela:** O que você acha da atuação do poder público?

**Camila:** O governo eu não ando acompanhando muito, não tenho nem TV, pra começar. Mas o que eu mais acompanho é a prefeitura. Tá recapeando a cidade, fazendo ciclovias, mas só tem isso em Aracaju? Qualidade de vida, mobilidade urbana e ciclovias para lazer, mas só tem isso? E a reforma de alguma escola, de alguma creche, de vez em nunca. Porque eu tenho Instagram, acompanho o stories do prefeito, Edvaldo Nogueira. Poderia e deve fazer mais coisas pra periferia. Ele tá fazendo umas obras em Santa Maria, é no final da ocupação, tá colocando pista, terminando o hospital, maternidade. Demorou muito pra fazer isso, mas não é só isso. Ainda tem muitas coisas a serem feitas. Eu sei que não é da noite pro dia, a sua casa você não constrói da noite pro dia, imagina uma cidade. Mas não existe só ele, existe vários secretários, vários assessores, administradores, gabinetes, que poderiam e deveriam construir mais coisas para a periferia. O poder público pode ter mais ações para a periferia. E se realmente não só os gestores, mas a comunidade com a prefeitura, diretamente com o próprio prefeito, para cobrar dele e dar ideias. Porque quem mora no bairro sabe o que está necessitando, sabe do que passa. Dizer a ele e ele dizer se vai fazer, ou então dizer "olha, a prefeitura não pode construir isso, mas pode construir isso, menor, médio", ou então "a gente propõe isso. Chegar num acordo, ser flexível para ambas as partes. E que isso não demore até as eleições para ser construído. A comunidade tem que sentar com ele, pra gente falar e ele ouvir e a gente ouvir o que ele tem a falar, pra chegar a um acordo. E ser um negócio rápido, não de 5 ou 6 anos, que ande mais rápido. Porque os anos se passam e nem trabalho de formiga é, porque todas reunidas constroem. Mas só nós queremos e ele demora, fica difícil.

**Entrevista 03 – Maria de Lourdes Andrade Souza, 58 anos, realizada em 07 de março de 2020.**

**Gabriela:** A primeira coisa é descrever a sua casa.

**Lourdes:** A minha casa é uma casa simples, casa de vovó.

**Gabriela:** E como é a sua rotina de segunda a sexta?

**Lourdes:** Eu estou desempregada, mas estou sempre correndo atrás. Sempre que precisar de um serviço de costureira, estou disponível. Eu vou deitar a noite, muitas vezes estou

já estou deitada e estão ligando pra mim, uma amiga liga "estou com um trabalho aqui amanhã, pode vir? está disponível?".

**Gabriela:** E no final de semana?

**Lourdes:** No final de semana, nada. Não tenho direito a nenhum lazer, só vou pra uma missa no domingo. Agora que eu tô começando a sair, antes não saía não.

**Gabriela:** Como você consegue descrever o Santa Maria?

**Lourdes:** Eu não gosto do Santa Maria para falar a verdade. É um bairro carente de tudo. O posto de saúde que eu preciso, que eu uso, o Osvaldo Leite, foi o setor mais carente que eu vi no bairro Santa Maria, além de tudo aqui, né?! Eu vivia varrendo esgoto, varrendo lixo aqui na porta. A mesma coisa é no posto, o posto cheio de gente. O posto em si, ele foi demolido, nós fizemos um "panelaço", tinha um diretor na época que se comovia com pobre, foi feito "panelaço", foi feito bolo de inauguração porque chegou a época de entregar o posto e ele ainda não havia sido entregue. A gente batalhou fazendo abaixo assinado, correndo atrás... Quando construíram o Osvaldo Leite, demoliram o Pita, o outro posto de saúde, e jogou dentro do Osvaldo. Aí ficou o Pita e o Osvaldo, a comunidade da favela, a Mangabeira, e o 17 de Março, eram quatro postos dentro de um. Isso aí, pra quê mais sofrimento? Você pingava, se enxugava com a toalha, eu como transpiro muito ia pra lá era suando direto. Por meio de uma matéria na televisão consegui reclamar. O posto não tinha bebedouro, não tinha cadeira pra ninguém sentar, o posto não tinha ventilador e hoje você chega no posto e tudo que eu reivindiquei eu vi. A maioria das coisas foram resolvidas. A mesma coisa o esgoto, a equipe esteve aqui, nós fizemos ali na frente, é pra expor o que a gente está passando. Aqui eu sou alérgica e queimam lixo direto, é uma coisa que a população precisava se conscientizar do mal que fumaça causa. Eu passei quinze anos fazendo acompanhamento por causa da hipertensão ocular e minha médica já me mandou me mudar daqui por causa disso. No dia que tem fumaça eu me "arreio" com dor de cabeça por ela mexe com a pressão do olho.

**Gabriela:** Agora a sua visão sobre ser mulher morando no Santa Maria.

**Lourdes:** Olha, eu sou costureira, né, não tenho carteira assinada porque no início, quando me casei, meu marido nunca me deixou trabalhar fora, era pra criar os filhos dele, cuidar dos filhos dele. E agora, só depois de certa idade, pra me manter viva, pra sobreviver tem que trabalhar. Aí numa dessas vezes, encontrei um atelier no bairro Luzia,

fiz um teste no sábado e comecei na segunda. Cheguei lá, trabalhei o dia normal, quando foi na terça-feira que eu fui novamente para trabalhar, até meio-dia estava normal, trabalhando bem, não tinha acontecido nada. Quando foi meio-dia em diante, a pessoa colocou a cadeira perto de mim e começou a me entrevistar, perguntar se eu era casa, quanto tempo, quantos filhos eu tinha, o que meus filhos faziam, o que meu marido fazia. Perguntou onde eu morava e respondi que era no Santa Maria, a feição dela se transformou na minha frente, ela suspirou e se levantou. A partir daquele momento, a tarde todinha, ela ficou já indiferente comigo, aí depois ela não quis mais que eu fosse. Quando foi no terceiro dia ela disse que não ia dar pra eu ir porque ela não estaria no atelier e quando foi a noite ela me dispensou e pediu para eu mandar o endereço para ela mandar o dinheiro por motoboy no outro dia. Meu marido passou o dia inteiro em casa esperando pra receber o dinheiro, 140 reais, e foi assim que eu recebi pra não ir mais na porta. Você quer outro exemplo? O Point das noivas tinha uma plaquinha na porta, eu ia passando no calçadão, aí entrei pra perguntar. A primeira pergunta foi onde eu morava, aí disse Santa Maria e a mesma coisa aconteceu como a do Luzia, a feição dela se transformou e disse que tinha colocado três pessoas para fazer o teste e ia ver o resultado e pediu pra eu esperar uns dias. Mas se ela já tinha colocado pra fazer o teste, por que a placa estava na porta? Nem o meu número pediram. Eu vi que foi preconceito. Se você falar que mora no Santa Maria você não arranja trabalho em canto nenhum. Uma vez, uma moça na fila começou a puxar assunto comigo e falou essa mesma coisinha, esse mesmo assunto, "eu tenho umas irmãs que só se empregaram porque mentiram, pediram o comprovante de residência de pessoas da família que moravam no Atalaia, não sei onde, pra poder se empregar e eu como sempre digo, não nego que moro no Santa Maria, tô aqui quebrando a cabeça pra arrumar um lugar pra trabalhar e não consigo". Não sou eu só não, uma moça jovem ainda conversou isso comigo. Aí eu vi que não era só eu que passa por esse preconceito. Difícil, difícil mesmo. É por isso que eu tenho desgosto. A casa é própria, tudo bem, eu agradeço a Deus porque eu tô debaixo de um teto meu, que não estou pagando aluguel, porque tem muitos que estão piores que eu, né, pagando aluguel. Agradeço por isso, mas o lugar, eu não gosto daqui por causa disso. Se eu tivesse condições de pagar um aluguel em outro lugar eu já tinha saído daqui, pode ter certeza.

**Gabriela:** A senhora já falou um pouco, mas se tiver mais alguma consideração sobre as políticas públicas que são empregadas no bairro...

**Lourdes:** Que não fazem nada, né?! Aqui só tem pedido de voto. Esse ano vai ser um ano bom, né, ano de eleição novamente. Eu transferi meu título daqui, porque a pessoa confia e vota e não vê nada. Se pede, se reivindica as coisas, mas ninguém vê melhoria nenhuma. Agora mesmo, vem essa melhoria pra rua, mas não vai ter melhora, isso aqui quando der uma chuva as casas vão se alagar. Aqui já encheu de água. E agora, como passou esse asfalto, já tinha o meio fio ali, botaram outro meio fio, mediu tanto essa rua, toda hora vinha gente medir, fazer topografia dessa rua e no final colocaram um meio fio em cima do outro. Aí agora o asfalto tá igual com as calçadas e quando der uma chuva? Era pra ter umas bocas de lobo, igual aqui na minha casa mesmo, aqui na frente, tem uma caixa e já tava tudo marcado. Foi tudo demarcado e resolvido pra ter uma boca de lobo ali pra quando a água que desce da avenida Alexandre Alcino, desce com muita velocidade, na época que era só de areia já descia bastante água, agora que tá no asfalto onde essa água vai entrar? Aí deixaram as caixas, mas não fizeram as bocas de lobo. Hoje estava formando chuva e eu já pensei "meu Deus, vou ter que "atrapar" minhas coisas tudinho porque eu sei que vai encher de água isso aqui tudinho". Já me desesperei antes, já perdi móveis. Entra pelos ralos dos banheiros, o que tiver de ralo dentro de casa, tudo a água entra. Quando essa água vier, ela não quer saber não, o que vai acontecer vai ser isso. E cadê os governantes, por que não viram isso? Tem um vereador aqui no bairro, tanto que disse que ia fazer por nós, pelos habitantes desse bairro, cadê? Por que não viu isso aqui? Isso aqui foi serviço mal feito. Isso aqui não vai ter melhoria não, gasta tanto dinheiro, quando acabar, no final, vai ser trabalho perdido porque vai ter que refazer isso tudo de novo. Sem falar que as pessoas vão ter que levantar os pontos das casas, agora quem não tem condições financeiras vai levantar como? Tem a casa toda no piso, vai quebrar tudo pra botar novo? A gente vai ter que gastar o dinheiro sem poder pra levantar o ponto pra poder ficar mais alta que a rua. Foi trabalho perdido. É por isso que eu digo a você, eu não gosto daqui, desde que meu marido comprou isso aqui eu não gosto daqui! Eu vendi uma casa, morava aqui em frente, e disse a ele "compre um terreno em outro canto pra construir uma casa", mas ele por teimosia comprou isso aqui, mas nunca gostei daqui.

**Entrevista 04 – Josilma Santos de Santana, 37 anos, realizada em 07 de março de 2020.**

**Gabriela:** A primeira coisa é para você descrever a sua casa.



**Josilma:** A minha casa tem dois quartos, um banheiro, a cozinha, uma garagem e um quintal pequeno.

**Gabriela:** Agora sobre o bairro.

**Josilma:** Nosso bairro está esquecido. A minha rua mesmo, o esgoto passa na porta, eu tenho até vergonha de convidar alguém pra vir na minha casa por causa do esgoto que passa na porta. A área que eu moro não tem coisas boas para falar em relação ao poder público.

**Gabriela:** Descreva a sua rotina de segunda a sexta.

**Josilma:** Sou diarista, então não trabalho todos os dias. Tem semanas que trabalho todos os dias, outras que não. Mas é difícil, tem que acordar cedo todos os dias para arrumar o filho pra escola, deixar almoço pronto, vai pro trabalho e quando volta tem tudo da casa para fazer de novo. A rotina é essa. Eu tenho dois filhos, um de 14 anos e outra de 8. O de 14 já vai sozinho para a escola porque tem ônibus, a de 8 precisamos pagar alguém que leve e pegue na escola porque o horário de trabalho não bate com o horário da escola. Como diarista fica mais fácil para levá-los a médicos por conseguir adaptar aos dias que não trabalho.

**Gabriela:** E nos finais de semana?

**Josilma:** No final de semana é faxina. Quando saímos, de vez em quando, porque eu detesto sair no final de semana por causa dos ônibus, se a gente sai pra relaxar volta pior que antes, então não é bom sair principalmente domingo e feriado, então prefiro ficar em casa. No bairro não tem nada! Minha filha tem problemas alérgicos e o médico pede para que ela faça exercícios físicos, mas aqui não tem nada.

**Gabriela:** Mas é problema respiratório?

**Josilma:** É alergia a poeira. Dia desses ela teve uma crise depois de meia noite e tivemos que esperar até quatro da manhã, que é quando começa a rodar os ônibus para poder levá-la ao médico porque fica muito difícil. Até uber, essas coisas, certas horas da noite não querem vir aqui, aí é muito ruim.

**Gabriela:** E agora a sua visão sobre ser mulher morando em um bairro periférico.

**Josilma:** É difícil, assim, nós não somos bem vistas. A gente vai fazer um curso e perguntam "onde você mora?", a gente diz Santa Maria e já percebe aquele olhar diferente tipo "nossa, é do Santa Maria!", parece que aqui não tem ninguém que preste. É muito difícil! Eu sou cristã e até mesmo quando vamos em outras igrejas, tem essa visão. Não deveria ser assim.

**Gabriela:** E a questão da segurança?

**Josilma:** A rua que eu moro quando eu saio pra igreja ou qualquer outro lugar que preciso voltar depois das 22h, eu digo para o marido me esperar em pé na porta, porque na minha própria rua eu não tenho coragem de entrar sozinha sem medo, entro se for obrigada. Tem policiamento quando acontece algum homicídio, aí ficam um dia ou dois, no terceiro não tem mais.

**Gabriela:** E agora, para concluir, sua visão sobre a atuação do poder público no bairro.

**Josilma:** Aqui mesmo na Ponta da Asa eu não tenho nada que falar que o poder público tenha feito por nós. Até o 17 de Março vocês viram que tem asfalto, dali pra cá, nós já fizemos protesto, já fechamos a rua, eles disseram que tem o projeto, mas que o projeto é grande e não sei o que. Nós não temos nada! Até água da DESO a gente pede aqui na rua e eles não vem colocar, e a gente vai pagar, entende?! Eu não tenho nada que falar de bem, não. A não ser em época de eleição que eles vêm pedir voto, aí aparece a fila, mas ao contrário não tem o que falar. Dizem que não tem dinheiro, mas eu estou vendo todo o asfalto ser retirado para colocar outro, mas não tem dinheiro pra Ponta da Asa, mas lá eles estão tirando tudo para colocar outro, eles poderiam diminuir um pouco de lá e fazer aqui, então não é falta de dinheiro. É complicado.

#### **Entrevista 05 – Francisca Rosa de Albuquerque, 48 anos, realizada em 07 de março de 2020.**

**Gabriela:** Primeiro, fale sobre a sua casa.

**Francisca:** Minha casa tem uma sala, três quartos, uma suíte, o banheiro e uma área de serviço, sem quintal. É própria.

**Gabriela:** Agora fale sobre o bairro.

**Francisca:** O bairro é difícil, é difícil da gente morar, viver, no dia-a-dia. Sair cedo, como que eu que me acordo todos os dias quatro da manhã para sair cinco da manhã, perigoso! Porque cinco da manhã não é cedo demais nem tarde demais, mas pra gente se locomover aqui dessa rua para o ponto é um pouco difícil, por conta da segurança, que nós não temos. E também a volta, retorno uma da tarde, qualquer hora é difícil para você voltar, tanto cedo como tarde. Até mesmo dentro do ônibus você não tem segurança, porque vê cara não vê coração, você entra dentro do ônibus você já vai assustado, né?!

**Gabriela:** Você já disse um pouco, mas como é a sua rotina de segunda a sexta?

**Francisca:** Eu trabalho todos os dias, minha folga é de 5 por 1, todos os finais de semana eu estou trabalhando. É todo dia a mesma coisa tanto durante a semana quanto no final de semana. É pior ainda nos finais de semana e feriados, que eles reduzem a quantidade de transporte, se tiver cinco, eles tiram três, durante a semana você se acostuma com um horário e você não consegue o mesmo no final de semana, aí fica difícil.

**Gabriela:** A senhora tem quantos filhos? Como é para cuidar dessas crianças no Santa Maria?

**Francisca:** Tenho três. Regiane, que vai fazer dezoito, Rafael, 12 e Renato, 5. É um pouco difícil, né?! Porque eu saio logo cedo e já deixo o almoço, porque tem que cuidar tanto de filho quanto de marido e da casa também, eu cuido de tudo. Quando eu chego, é a mesma coisa, cuidar da casa, da comida, de tudo. Acordo quatro da manhã e deixo café pronto, almoço pronto. Meu marido sai às seis da manhã, retorna cinco e meia da tarde, aí tem que deixar tudo pronto e deixar tudo pronto para os filhos que vão pra escola. Regiane (18) vai pro curso uma da tarde, um vai pra escola meio-dia e o outro sai doze e meia. Ela leva o menor, coloca no ônibus. Rafael estuda no Augusto Franco, mas eu queria mesmo que ele estudasse aqui no bairro, mas não consigo vaga no colégio que tem aqui, que é difícil. Aqui no Santa Maria as escolas deveriam ser só para quem mora no bairro, porque a população é muito grande. Eu quero colocar meu filho aqui e nunca consigo a vaga. É difícil. Essa semana mesmo que passou, até para os pequenos é difícil, eu tenho que ficar desde as quatro da manhã na fila para matricular meu filho.

**Gabriela:** Como você enxerga ser mulher morando num bairro como o Santa Maria?

**Francisca:** A gente tem que aceitar! Se eu tivesse condições, eu não estaria morando aqui, estava em outro bairro pra dar estudo e moradia melhor para os meus filhos, pra não

deixar meus filhos crescerem vendo que acontece aqui no dia-a-dia. Nós que somos mães temos que aceitar, dar educação a eles morando aqui mesmo no bairro. Mas quem faz o lugar é cada um, né, se formos olhar a gente não mora em lugar nenhum, mesmo o bairro sendo péssimo, é cada coisa que a gente vê, mas ignora, não pode fazer nada, só ficar calado, aí temos que viver assim. Eu tenho medo, Regiane por exemplo, ela já é quase de maior, mas eu tenho medo, se ela for pra faculdade, eu já fico com medo, se ela for voltar mais tarde, eu não durmo até que chegue. É difícil morar nesse bairro e ter filhos.

**Gabriela:** A última questão, a atuação do poder público.

**Francisca:** Nosso bairro é esquecido pelo poder público! Vai fazer um ano que prometeram que iam fazer essa avenida toda, que seria a primeira coisa que iriam fazer e até agora nada, estamos na poeira. Ninguém pode deixar os filhos brincarem na rua por causa do esgoto a céu aberto, a poeira entra em casa, não dá pra deixar nada limpo. Aqui na Ponta da Asa nós somos esquecidos. Lá no 17 de Março é uma maravilha, é lindo, mas passou daquela rótula pra cá, só falta cair de dentro do ônibus de tanto buraco. No verão é poeira, no inverno é lama e você tem que andar com a calça "arregaçada" e a sandália na mão. Poderia pegar aquela obra que tá fazendo ali na Adélia Franco e trazer pra cá, seria uma maravilha pra gente. Mas infelizmente, temos que nos conformar, esperar que um dia ele lembre da gente.

#### **Entrevista 06 – Márcia Maria, 42 anos, realizada em 07 de março de 2020.**

**Gabriela:** A primeira coisa é falar sobre a sua casa.

**Márcia:** Minha casa tem cinco cômodos. Uma sala enorme, dois quartos, moramos em quatro pessoas e dois cachorros, tem um quintal grande que dá para os meninos brincarem e a área da frente.

**Gabriela:** Agora fale sobre o bairro.

**Márcia:** Eu gosto daqui, não nego. É um pouco violento sim, mas onde não é?! Eu costumo dizer que o lugar onde a gente mora é onde a gente faz. Aqui nunca tive trabalho, nunca tive preocupação de assaltos, graças a Deus. Essa rua que eu moro já foi mais violenta do que é hoje, mas também nunca tive problema com nenhum dos meninos, conheci eles pequenos. Mas eu gosto muito! Tem uma coisa que eu posso até descrever como indignação, é a questão que a gente é bem esquecido. Moramos no fim do Santa

Maria, na Ponta da Asa, então a gente não tem urbanismo, não tem asfalto, essas coisas só chegam até a metade. Nós fomos com um grupo de algumas pessoas na prefeitura pra obter a melhoria da rua, energia, esgoto, essas coisas todas, e no mapa da prefeitura não tem a nossa parte. Fora isso, eu amo, gosto mesmo. A rua onde eu moro, graças a Deus, não tenho problema com ninguém, não sou de sair de casa, mas todo mundo me conhece. Então eu gosto. Só nesse sentido, que a prefeitura e os governantes só buscam a gente, aqui provavelmente daqui uns dias tá cheio de político, pra dizer que conhece, mas na hora de fazer aqui não existe. Mas é só isso.

**Gabriela:** Descreva sua rotina de segunda a sexta.

**Márcia:** Pela manhã acordo cedo, bem cedo, 05:30 mais ou menos, faço as minhas orações, aí vou fazer a comida de casa para 10:40 mais ou menos sair para o trabalho. Eu entro 12:30, mas trabalho em N<sup>a</sup> Sra. do Socorro, então é uma viagem, aí preciso sair cedo. Lá passo a tarde toda, 18h saio e vou pro curso, de lá volto pra casa, se der passo na missa, se não der venho direto pra casa as 22h/22:40h, infelizmente os ônibus têm os horários bem atrapalhados. Mas é essa a minha rotina de segunda a sexta, todos os dias a mesma coisa.

**Gabriela:** E nos finais de semana?

**Márcia:** Se eu não for para a comunidade, faço parte de uma Comunidade de Vida, Sagrada Família, eu estou aqui na comunidade mesmo e vou para a igreja. Essa é minha rotina, ir pra igreja. Se meu esposo disser "Olha, primeiro a gente vai sair um instantinho", aí a gente vai na praia, volta e depois vou pra igreja. E o resto fica em casa, como hoje, passei o dia em casa e foi uma maravilha.

**Gabriela:** E como é esse deslocamento no final de semana?

**Márcia:** O deslocamento ou é de carro ou de ônibus, pra longe, se for perto eu vou andando, eu gosto de andar. Na praia quando juntava mais os meninos íamos a pé ou de bicicleta, que o que eles gostam muito de fazer. Quando eram pequenos eu botava os dois na bicicleta e saía, um na cadeirinha na frente, o outro atrás e caia fora. Pra onde quisesse ir, pro Orlando Dantas que é onde mora minha sogra ou para a praia, eu saía com eles de bicicleta. Algumas vezes de ônibus também, só a pé que era mais difícil pra carregar dois no braço. Eu nunca tive problema pra sair, até hoje se não quiserem ir, vou só.

**Gabriela:** Agora eu gostaria que você dissesse a sua visão sobre ser mulher no Santa Maria.

**Márcia:** Olhe, a minha visão, não tenho nem como descrever assim. Pra mim, como me olham, eu não tenho dificuldade em me olharem, de discriminação ou de agressão, não! Eu vejo assim, eu preciso, de uma certa forma, em tudo que eu precise fazer, em todos os aspectos, me dar ao respeito, como o comportamento na rua, na minha casa, nos lugares, ir para alguns lugares, vestimentas, em todos os momentos então eu preciso me olhar e se eu estou bem então não me importa o que os outros estão pensando, certo?! Então eu não tenho como descrever como eu vejo uma mulher dentro do Santa Maria porque eu acho que vou acabar julgando algumas situações que não me cabem. Eu não me vejo de uma forma discriminada, não me vejo de uma forma que eu atrapalhe a vida de alguém, não me vejo como uma mulher que não tem oportunidade no meu bairro, não me vejo assim!

**Gabriela:** Para finalizar, a última questão é sobre a atuação do poder público no bairro.

**Márcia:** O bairro em si começa bem distante daqui, no Marivan, então no finalzinho, na Ponta da Asa é que a gente não vê atuação. Mas precisamos dar a mão à palmatória porque o 17 de Março tá aí, tem uma escola, estão construindo a maternidade, então a gente vê alguma coisa. Mais pra lá a gente vê a questão do asfalto, eles estão fazendo, a limpeza é interessante, sempre vemos os garis limpando tudo. O que eu questiono mesmo é essa parte do "fundo" do Santa Maria, onde existem pessoas morando e é parte do bairro e não é vista. E me atrevo a dizer que a maioria dos votos são daqui, porque dentro do Santa Maria existem comunidades e a maioria vota fora, e a gente não tem esse olhar do poder público pra nós. Nossa rua, principalmente, não tem nada! A energia é porque a gente reclama.

#### **Entrevista 07 – Kelli Ana, 36 anos, realizada em 07 de março de 2020.**

**Gabriela:** Primeiro pra você descrever sua casa.

**Kelli Ana:** Uma sala, dois quartos, banheiro, a cozinha e uma área de serviço. Moram quatro pessoas.

**Gabriela:** Pra falar sobre o bairro.

**Kelli Ana:** Quando eu fiz faculdade, logo quando eu entrei, e dizia que era daqui você sofre um pouco de discriminação. Porque é faculdade, o povo tem outra visão. Muitas

peessoas até tem uma visão distorcida dos bairros porque eles julgam pelas outras pessoas. Antes de te conhecer eles acabam te julgando pelo local onde você mora. Aí quando a gente dizia que era daqui, diziam "ah, você é doida de morar naquele lugar", coisa do tipo. Um lugar violento. E não tem problema no lugar que eu moro, porque pelo que ela falou, você mora num bairro, eu tenho contato com todo mundo, eu vivo bem. Eu moro em qualquer lugar, porque eu não saio de casa. Eu só saio de casa pra poder trabalhar, eu volto e fico dentro de casa. Aí eu não tenho nada pra falar daqui. Eu gosto de onde eu moro porque a primeira casa que eu consegui foi aqui, que meu pai me ajudou a construir. Primeiro que o terreno do meu pai é grande, tem 45m. Primeiro eu me senti bem porque eu tenho meus filhos, eu não vou querer meus filhos correndo no meio da rua. Eu tenho espaço pra eles brincarem. Eu gosto daqui, não tenho o que falar. Por mais que tenham pessoas que discriminem, mas eu não tenho o que falar. Meus filhos gostam de morar aqui. Aí se eles gostam, pra mim tá bom. Eu tenho três, dois moram comigo e o mais velho mora com meu pai desde bebê. Um vai completar onze, um de sete que vai completar oito agora dia primeiro de abril e tem uma menina de 4 anos.

**Gabriela:** Sua rotina de segunda a sexta.

**Kelli Ana:** Minha rotina esse ano melhorou bastante. Ano passado eu trabalhei o ano todo e eu praticamente não tinha tempo pra eles. Eu entrei esse ano dizendo a mim mesma que eu não ia querer trabalhar porque ia me dedicar mais a eles. Aí eu recebi uma proposta pra trabalhar esse ano numa escola por dois turnos. Eu disse não, porque eu prefiro ganhar menos, mas me dedicar em um horário ao meu trabalho, que eu gosto de fazer, e no outro horário me dedicar a eles, pra levar na escola, pra sentar pra conversar com professor. Pra pegar eles na escola. Porque eu acho importante esse acompanhamento, aí eu trabalho numa escola, eu acordo 5h50 da manhã, porque eu pego 7h lá. Aí o meu filho, o de 7 anos, dorme sempre comigo. Minha filha quase nunca, porque desde bebê ela se acostumou a dormir na casa do avô, porque eu moro no fundo da casa do meu pai. Aí a maior parte do tempo ela fica na casa do meu pai. Vive praticamente ali, e eu só fico com um, que é o de 7 anos. Aí eu saio 5h, 6h e vou de bicicleta, que eu trabalho no Marivan, pego às 7h, fico lá até meio dia, volto pra casa. Aí dá tempo de eu pegar eles, porque meu irmão já tem dado banho, tem dado almoço e a gente vai levar na escola. Aí eu vou pra casa, faço alguma coisa, e 17h eu vou pegar eles. Isso de segunda a sexta.

**Gabriela:** E nos finais de semana?

**Kelli Ana:** Finais de semana a gente gosta de pedalar. Eu passei um ano pesada porque só andava de ônibus. Eu trabalhava no Mosqueiro. Chegava final de semana os meus filhos gostam de pedalar. E a gente sai pedalando, a gente vai pra praia de bicicleta. Meu irmão mora lá perto do São Conrado, ali no Pantanal, a gente vai de bicicleta. Pra todo canto a gente vai assim. E é bom pra eles, tudo o que eles fazem é de bicicleta. Eu vou trabalhar de manhã assim, é bom.

**Gabriela:** A sua visão sobre ser mulher morando no Santa Maria.

**Kelli Ana:** Na época da faculdade, eu sofria um pouco de discriminação por morar aqui, eu e outras pessoas. Porque as vezes o pessoal acha que aqui só tem gente ruim, mas não é bem assim. Tem muita gente boa, muita gente que se ajuda, que procura fazer o melhor pros outros. Como também tem algumas pessoas, mas elas têm que viver a vida delas do jeito que elas escolheram viver. Eu não tenho muito o que falar, é como Márcia falou, não adianta a gente falar algo, porque em algum momento você pode até tentar discriminar algumas pessoas e isso não compete a gente, cada um vive da maneira que escolheu viver. Minha vivência é tranquila, eu já trabalhei em lugares que eu teria que chegar aqui meia noite e descer ali, porque aqui agora tá uma maravilha comparada há 6, 7, 8 anos atrás. Aqui tem iluminação, coisa que não tinha antes. De descer meia noite e não ter ninguém na rua, e antigamente era bem mais violento do que hoje, e não acontecer nada. Se eu me respeito e se eu te respeito, você vai chegar em qualquer lugar e ninguém vai mexer com você, porque é sobre saber se impôr onde você tá. Porque pode estar quem for no meio da rua, mas se você passar tranquilo. É isso que eu passo pros meus três filhos, tem que aprender a respeitar todo mundo e tem que aprender a conviver com todo mundo. Porque eu não vou poder tirar eles do mundo, ao contrário. Eles são pequenos, mas eles vão viver, a gente só tem que ensinar eles a respeitar, e a única coisa que eu vivo é o que ela falou. É você saber se portar, chegar. Meu pai dizia, se você souber chegar e sair, você entra em qualquer lugar em qualquer horário, porque é tudo questão de respeito.

**Gabriela:** A visão sobre a atuação do poder público no bairro.

**Kelli Ana:** Tá menos ruim. Aqui tinham menos escolas, até chegarem a construir o Vitória. Acho que tem mais de 5 anos. Até construírem o de educação infantil, o Papa, que a gente não tinha muito. Agora tem o José Souza e tão construindo um de Educação Infantil ali. O que falta mesmo aqui é essa visão do poder público de enxergar a gente. A gente também existe. É lama no meio da rua o tempo todo, se o poder público enxergasse



mais, porque se você não paga uma conta de água ou luz, você é cobrado. Mas pra um esgotamento sanitário você não existe, pra um asfaltamento você não existe. É complicado, porque você existe pra uma parte, pra ser cobrado, e em outro não. Porque daquela curva pra cá, todo mundo é esquecido. IPTU a gente não paga. Mas como estão chegando vários condomínios novos, lá no final tem dois residenciais novos, agora vai ter outro no final dessa rua, pode ser que futuramente eles comecem a enxergar. Porque quando chega alguém que tem poder aquisitivo um pouco maior no local que é esquecido, vão lembrar da localidade. E isso porque chegou gente com uma condição a mais, e não porque as pessoas que estão ali há mais tempo estão cobrando. E isso porque as pessoas com mais dinheiro estão chegando, e se você tem mais, você vai cobrar mais, você não vai querer viver de qualquer jeito. Aí pode ser que daqui por uns 5 anos a gente veja calçamento aqui. Quando eu fiquei grávida do meu filho em 2009, que eu vim pra cá, eu dizia ao meu irmão: "eu acho que antes de Moisés completar 15 anos eu vou ver isso aqui asfaltado". Eu já perdi as esperanças, porque meu filho tá pra completar quinze. Quem sabe o bebê de meu irmão ainda veja isso aqui calçado. Porque meu filho já vai completar 11 e eu não vi ainda. Talvez um bebê que não nasceu ainda alcance, porque pra gente tá complicado. E aí você não aguenta, porque você trabalha, tem obrigação de pagar tudo certinho, de cumprir com as suas obrigações, mas quando chega na hora de eles fazerem a parte deles a gente acaba não existindo.

#### **Entrevista 08 – Tâmara, 24 anos, realizada em 07 de março de 2020.**

**Gabriela:** A descrição da casa onde você mora.

**Tâmara:** São apenas três cômodos, a sala, a cozinha e o quarto. Só que o banheiro já é dentro do quarto. Aí tem uma área de serviço, pra estender roupa. Três pessoas, eu, meu esposo e minha filha.

**Gabriela:** Agora é falar sobre o bairro.

**Tâmara:** É uma comunidade pequena, onde a gente também se encontra sem muita perspectiva por conta dos ônibus. Lá são dois ônibus, o Santa Maria Sul e o Santa Maria Dia. Um vai pra zona sul e o outro pro Terminal Dia. E é bem complicado, até então. E também tem a perspectiva da cultura, ela ainda é muito pouca.

**Gabriela:** Descrever sua rotina de segunda a sexta.

**Tâmara:** Na segunda feira eu acordo, preparo café pro meu esposo. Ele vai trabalhar, eu fico em casa cuidando da casa. Acordo a minha filha, cuido do almoço, dou a ela o almoço e ela vai pra escola, e eu fico aguardando voltar. Isso na segunda feira. Eu faço as coisas em casa, lavo as roupas, aguardo ela chegar da escola. Na terça feira, como eu sou capoeirista ainda tenho essa tarefa. Na terça feira eu já acordo com isso na cabeça, então tenho que adiantar as coisas do lar e vai seguindo a mesma coisa. Na quarta feira já não tem treino, então eu faço o que tem que fazer do mesmo jeito. Na quinta feira tem o treino e na sexta a mesma coisa.

**Gabriela:** E como é a vida escolar, quem vai no hospital, quem faz isso?

**Tâmara:** Sou eu que faço. Ela sofre de asma, aí quando ataca a alergia dela ela cai no hospital e eu tenho que ir, porque ela é sempre mais confortável comigo. E eu sendo mãe o coração aperta mais. Mãe sabe, mas o pai dela também me ajuda muito. Escola também, nas reuniões eu que estou presente, faço de tudo. Às vezes eu falto até treino quando ela tá doente. Eu peço licença e falo aqui ao meu professor que não posso vir por conta disso.

**Gabriela:** E é tudo no bairro?

**Tâmara:** Não, a escola fica no Bairro Augusto Franco e o hospital também. Agora a gente vem no posto quando é pra marcar ficha, fazer exame.

**Gabriela:** E como é esse deslocamento?

**Tâmara:** A gente vem de bicicleta, porque é bem próximo.

**Gabriela:** E o lazer do final de semana?

**Tâmara:** O lazer é esse, de ir numa orla quando sobra dinheiro. Se não fica em casa mesmo, a gente sempre tá junto, eu, meu esposo e ela. E no nosso lazer a gente tá junto. Acontece de ter momentos da gente ir pra casa de Dinha, que faz parte da capoeira. Esse é o nosso momento de lazer.

**Gabriela:** Agora é pra você me dizer sua visão sobre ser mulher no bairro Santa Maria.

**Tâmara:** Hoje até então a gente tem uma liberdade, de vir, de subir o morro, de estar aqui. Aqui não é essas coisas que as pessoas falam, pra ser tão discriminado por aí. Eu nunca tive nenhum incômodo, nunca tive essa visão incômoda de vir aqui, de passear por aqui. A minha visão é uma visão neutra minha. Acho que não tem esse bicho de sete

cabeças que as pessoas falam, por eu ser mulher por outras serem mulheres. O livre arbítrio de ir e vir é meu, não tem quem impeça, não falam "você não pode passar ali porque você é mulher". A gente faz as mesmas coisas que os homens também fazem. Não tem esse impedimento não.

**Gabriela:** Como você enxerga a atuação do poder público no bairro?

**Tâmara:** A gente também tem aqui o governador aqui, de Santa Maria. Lutou pra chegar onde está e na cultura que eu vivo hoje, não tem feito o que a gente gostaria que tivesse feito. E sobre infraestrutura, tem a questão que eu já falei dos ônibus, o recapeamento das ruas, que está sendo feita, mas com muita lentidão. Sempre tem algo pra falar. A saúde é aquela, do SUS. Se você vai em busca e tem paciência. Não é algo imediato, hoje nos postos de saúde você tem que marcar pra que o médico te atenda. Se tiver uma urgência no posto eles vão te transferir, porque não vai ter essa urgência, não vai ter médico pra você imediatamente. E a educação eu não posso falar muito, porque eu não estudei aqui e minha filha também não estuda aqui. Foi uma escolha minha, e foi escolha dos meus pais não ter me colocado aqui.

**Gabriela:** A respeito da segurança, tanto no bairro quanto na cidade, como você se sente?

**Tâmara:** Aqui sempre foi o auge, as pessoas sempre estão falando da segurança. Mas de acordo com o que eu venho vivendo, vem diminuindo a criminalidade por conta da segurança. Porque eles olharam mais pra cá, teve uma percepção maior e vieram as autoridades policiais, o que nos deixa mais aliviados. Porque eu participo de umas festas e vejo policiamento, então acredito que diminuiu muito por conta da segurança pública aqui.

#### **Entrevista 09 – Cileide do Nascimento, 33 anos, realizada em 07 de março de 2020.**

**Gabriela:** Eu quero que você descreva a sua casa, quantas pessoas moram nela.

**Cileide:** A minha casa, pra mim, é a melhor do mundo. Ela é bem estruturada pra mim, as minhas duas filhas e a cachorra, que é minha neta. A casa tem dois quartos, uma cozinha, uma sala, a garagem. Eu dividi a garagem e fiz um salão lá também, e um quintal. E tem o banheiro.

**Gabriela:** Pra falar sobre o bairro, a sua visão.

**Cileide:** Olhando dos tempos antigos pro atual, ele deu uma caminhada, uma evoluída. Porém, ainda somos uma fonte de desvio de verbas. Vários locais aqui, que começaram com o bairro, ainda não têm água. Aqui mesmo onde a gente tá ainda não tem e foi um dos primeiros locais do bairro. Você viu que é um bairro grande, tem vários outros bairros pequenos aqui dentro do Santa Maria. Se chama zona de expansão até então. Como num lugar desses vários moradores ainda não têm água encanada, mas ainda chegam os talões para pagar? Várias construtoras já chegaram aqui, abriram buracos, foram embora, levaram verbas e várias empresas chegaram. E os moradores não sabem nem como agir, por falta de conhecimento. Dou graças a deus que já tem esse asfalto, que já está afundando. E estamos em evolução, aos pouquinhos, que nem tartaruga, mas vários locais no Santa Maria que precisam muito do olhar público. Nós temos escola, mas ainda é pouco pra localidade, muitas crianças precisam ir ao conselho tutelar exigir vaga em escola. Eu moro em frente a uma creche e vejo isso todos os dias, o conselho tutelar ir lá e forçar a escola a abrir mais uma vaga por necessidade daquela mãe. Posto de saúde, temos. Derrubou um posto de saúde próprio para poder alugar um galpão, por quê? Isso pra mim é desvio de verba. Galpão com preço exorbitante, o que não vem ao caso agora, mas que derrubaram a própria sede do posto de saúde, deixaram a comunidade desse tamanho num posto de saúde só. Botaram a gente pra se matar, na verdade. Mas nós temos posto de saúde sim, com um mês, com dois, você é atendido. Por mais que você vá e não tenha vaga. Por onde você anda não pode falar que você mora no Santa Maria, tem empresas que não quer contratar quem mora aqui. Porque aqui é foco de malandragem, é foco disso, é foco daquilo. Eu acredito também que não paramos um pouco pra estudar o básico pra entender o que é periferia. Que nós não viemos pra cá porque quisemos, foi pra onde pudemos correr. As condições que fizeram a gente vir pra cá. Nas periferias não mora barão. Quem sabe um pouquinho da história sabe, entende. Mas estamos caminhando, eu acredito que aqui nós somos guerreiras. Guerreiros e guerreiras, porque vocês estão aqui e estamos de portas abertas. Estamos no morro que muitas pessoas não sobem. Até o vereador que foi eleito pela gente não mora aqui mais. Tem sede aqui de ajuda do povo, com nome "casa do povo", mas eu não sei que povo é esse, só anda fechada. É outro desvio de verba, pra mim. Ambulância pra servir só aos seus votantes. Eu votei nele, porque antes de ser vereador ele ajudava realmente as pessoas, mas hoje em dia nem aqui mais ele mora. Tá morando na Orlando Dantas, que é um bairro melhor. Mas somos guerreiros, lutadores, estamos aqui nos sustentando, trabalhando, resistindo

ao desemprego, porque você tem que dar endereço de fora daqui pra poder trabalhar. Nós somos todos cidadãos de bem.

**Gabriela:** Agora a sua rotina de segunda a sexta.

**Cileide:** A minha rotina de segunda a sexta inicia às 4h da manhã, quando meus sobrinhos chegam em casa. Porque a menina abre posto, aí ela entrega as minhas crianças às quatro e pouca da manhã. É um de dois anos e um de oito anos, que eu me responsabilizo em levar eles na escola, 7h tem que estar lá. Retorno pra casa, tem a minha filha mais nova, que preciso acordar às 6h pra poder ir trabalhar, porque aos 17 anos ela já está trabalhando. Terminou a escola e vai ingressar na faculdade, porque só assim pra gente quebrar o ciclo também. A minha filha é negra, então de qualquer forma ela vai entrar na faculdade e vai se formar. Não importa se ela vai exercer, mas ela vai. E depois do retorno da escola, que eu deixo minhas crianças, eu tomo um banho, abro meu salão e volto pra minha casa pra poder cuidar dos meus deveres de casa. Minha rotina normal que eu em 10 anos não tive, tenho saudade disso. Porque em 10 anos era correria, trabalhando de domingo a domingo na rede hoteleira, é até um prazer voltar pra dentro de casa. E a noite tem os dias de capoeira nós estamos aqui.

**Gabriela:** E no final de semana?

**Cileide:** Dia de sábado sempre tem aqui, não faltamos. No dia de domingo, quando não temos nenhuma atividade, que nós geralmente temos um fluxo de amigos de capoeira também. Porque quando não tem aqui, tem no mestre Mauro, tem no mestre Formiga. Ele tem três núcleos amigos da gente que tem atividade. Mas tem domingos que não tem em canto nenhum, aí a gente reserva pra gente mesmo. Porque a gente não se desaparta não aqui da capoeira. Se reúne na casa da minha irmã, ou o pessoal vai lá pra casa, ou eu desço pra casa de alguém. A gente procura não ficar em casa. Mas tem domingo também que eu desligo tudo e vou descansar, e vou dormir. Ninguém aguenta.

**Gabriela:** E como é o deslocamento?

**Cileide:** O meu deslocamento é com a minha moto, mas antes disso era nos ônibus. Não tinha outro recurso. E ainda é nos ônibus, porque a moto só cabe dois e somos três em casa. Tem que caminhar um pouquinho pra conseguir o ônibus que a gente precisa, porque na 17 de março não tem. Nós temos que ir até a Avenida Alexandre Alcino, que é a do Santa Maria. Quando eles param, porque não tem ponto na entrada da 17 de março, aí nós

precisamos ir pra principal se quiser pegar um ônibus pra poder chegar ao centro, um que sirva pra gente. Porque lá só tem dois ônibus. E ainda somos agradecidos, fizemos um abaixo assinado pra conseguir esses dois. Não tinha, a gente precisava se deslocar nos bairros vizinhos se quisesse ir. E o do bairro Aruana, que já é uma área de pessoas com condição melhor, não aceitaram que a gente ia pra lá. Até muro fizeram pra não ter contato com a gente, mas o vento veio e derrubou.

**Gabriela:** E a atuação do poder público?

**Cileide:** Só vem quando é época de política. E nós temos sim um vereador aqui que quando chega perto da política ele começa a fazer festa no carnaval, no São João. Distribui cachaça de graça. Aí na camisa do bloco que a gente foi tinha escrito "apoio cultural de Bigode". Doe um pouco, porque a gente trabalha com a cultura aqui, quando ele surgiu, e a gente tá na resistência pela própria vontade. Mas não que ele venha aqui sequer dar um boa noite. Até apertou nossa mão aqui quando queria se eleger. Político aqui só aparece nesse momento, quando precisa.

**Gabriela:** A sua visão sobre ser mulher morando no Santa Maria.

**Cileide:** Na minha visão, é ser guerreira. Porque você carrega o fardo de ser mulher, negra e moradora do Santa Maria. E não concluiu seus estudos, tem filhos e ainda pode ter mais filhos. Só isso você já não entra em trabalho nenhum. Pra você persistir e ser mulher num bairro como o Santa Maria, tem que ser guerreira, tem que ter jogo de cintura pra tudo. E não abaixar a cabeça pra todas as coisas que você vai encontrar. Eu já encontrei muitos, até para tirar o próprio documento, pra existir. Só de dizer que eu moro no Santa Maria já foi um horror para quem tava fazendo. A minha filha passou por isso também. Só que na hora que ela foi, ela reagiu, disse "quem é você pra falar do meu bairro? Eu moro lá, você mora lá?". Tem que ser resistente, e ela é uma criança, foi tirar o documento de identidade. Um lugar como esse que você não tem água, tem que buscar lá embaixo e seu marido sai pra trabalhar e você que coloca água pra cozinhar e dar conta de casa? Tem que ser guerreira. Se não você desiste e vai ser moradora de rua. Pelo menos você não paga imposto. Porque até a comida que tu compra, tu tá pagando pra esses que nem vem aqui olhar isso. Se a gente for para pra pensar na realidade, nem levanta, não quer viver. Porque a realidade é tão dura, tão cruel. Você lutar pra ter um salário, para ter alimento dentro de casa. E uma mulher só pra sustentar uma casa, que tem que pagar aluguel, tem filho, tem tudo?